

**AS MONITA SECRETA:
HISTÓRIA DE UM *BEST-SELLER* ANTIJESUÍTICO
THE MONITA SECRETA:
THE HISTORY OF AN ANTI-JESUITIC BESTSELLER**

José Eduardo Franco¹
Cristine Vogel²

«A teoria da conspiração (...) é uma
consequência da falta de referência a Deus, e
da consequente pergunta: *Quem está no seu
lugar?»*

Karl Popper

RESUMO: História das origens e do percurso editorial de uma obra clássica de conspiracionismo que foi determinante para a afirmação da crença antijesuítica na Europa Moderna, onde Portugal e o Brasil tiveram um papel significativo. Análise dos conteúdos, significados e objetivos prosseguidos pelas ideologias que durante séculos têm continuado a propagandear esta contrafacção.

PALAVRAS-CHAVE: Jesuítas; Mito; Conspiração; Desconstrução.

ABSTRACT: History of the origins and the editorial path of a classic conspiracyism masterpiece that was crucial to the establishment of the anti-Jesuitic belief in Modern Europe, in which Portugal and Brazil played a significant role. Analysis of contents, meanings, and objectives pursued by the ideologies that, for centuries, have continued to advertize this counterfaction.

KEY-WORDS: Jesuits; Myth; Conspiracy; Deconstruction.

1. Considerações Preliminares

Aquelas que ficaram conhecidas pelo título abreviado de *Monita secreta* (Instruções secretas) dos Jesuítas, apesar de constituírem um libelo produzido e editado pela primeira vez na Polónia para denegrir a imagem de sucesso da Companhia de Jesus em 1614, rapidamente foram apropriadas pelo movimento antijesuítico internacional. Estas Instruções Secretas foram utilizadas, abundantemente, durante mais de três séculos, para apetrechar a propaganda antijesuítica, servindo de arma de arremesso de

¹ École des Hautes Études en Sciences Sociales. E-mail : j.eduardofranco@netc.pt

² Universidade de Mainz.

grande precisão para combater os Jesuítas³. Assim, também as famigeradas *Monita secreta* fazem parte da história efervescente do antijesuitismo luso-brasileiro. Primeiramente divulgadas de forma manuscrita, conforme testemunham os variadíssimos apógrafos que chegaram até nós arquivados nas nossas bibliotecas, foram depois difundidas de forma impressa pelas sucessivas edições feitas no período que vai da eclosão do liberalismo até à primeira república⁴. Estudar o esforço editorial de divulgação deste manual conspiracionista atribuído falsamente aos Jesuítas é contribuir para a compreensão das intensas polémicas que se acenderam em torno do jesuitismo e do congreganismo e que estigmatizaram a cultura portuguesa e europeia desde a modernidade.

2. Percurso de um Best-seller Antijesuítico Europeu

A *Allgemeine Deutsche Bibliothek*, revista principal da *Aufklärung* na Alemanha, costumava publicar recensões de obras contemporâneas relacionadas com todas as áreas do saber, para elucidar os seus leitores esclarecidos. Em 1783, dedica um pequeno artigo a um novo livro intitulado *Monita secreta patrum Societatis Iesu nunc primum typis expressa* (Instruções secretas dos Padres da Sociedade de Jesus, impressas agora pela primeira vez), e à sua tradução alemã que tinha sido publicada em 1782. Este livro era extremamente raro, segundo dizia o jornalista, já que os jesuítas compravam todos os exemplares disponíveis desta obra, que permitiria melhor do que qualquer outra «conhecer bem o espírito e os astutos artifícios dessa ordem tão perigosa».⁵ Se bem que confesse que, apesar do que diz a folha de rosto, este livro «já foi impresso duas ou três vezes em Latim nos séculos passados e presentes»⁶, o autor da recensão insiste na utilidade desta nova publicação e afirma: «Admitamos que este escrito foi uma invenção dos inimigos da ordem, como o afirmaram os ex-jesuítas aos leitores do *Journal d'Augsbourg* quando essa nova edição foi publicada, então o autor descreveu tudo da melhor maneira, e tudo o que lá lemos pode ser ilustrado com exemplos da história.»⁷

³ Para um estudo actualizado da história deste documento ver Sabina Pavone, *Le astuzie dei gesuiti: Le false Istruzione segrete della Compagnia di Gesù e la polemica antijesuítica nei secoli 17 e 18*, Apresentação de Adriano Prosperi, Roma, Salerno, [2000].

⁴ Em Portugal, a primeira obra crítica deste documento foi editada, embora com teor marcadamente apologético, por um dos maiores historiadores da Companhia de Jesus, no quadro do seu projecto de refutação da intensa propaganda antijesuítica que varria o país, promovida pelos publicistas liberais, republicanos, maçónicos, positivistas, anarquistas e livre-pensadores. Francisco Rodrigues, s.j., *Os Jesuítas e a Monita Secreta*, Roma, Tip. Pontificia no Instituto Pio X, 1912.

⁵ *Allgemeine Deutsche Bibliothek*, Vol. 56, 1783, p. 241.

⁶ *Ibid.*

⁷ *Ibid.*, pp. 241-242.

Na verdade, quando esta recensão veio a lume, a obra já tinha esgotado há muito a terceira ou quarta impressão. As *Monita secreta* já contavam dezenas de reedições e traduções em toda a Europa. Algumas estimativas calculam mais de quarenta edições em 1786⁸. Todavia, é impossível fazer o seu levantamento exacto. Muitas edições foram integradas noutras obras para servir de documentação supostamente histórica, de ilustração ou de atracção suplementar nas compilações antijesuíticas. Por mais que diga o nosso redactor iluminista, as *Monita secreta* são, portanto, um texto banal, no final do século XVIII.

Esta recensão das *Monita secreta*, testemunha da vontade de «esmagar o infame», podia muito bem suplantar o intento crítico dos Aufklärer. Mas o articulista fornece sobretudo uma ideia da lenda com que foram rodeadas, por vezes, outrora como ainda hoje, as *Monita secreta*. O primeiro elemento da lenda consiste em afirmar que este texto é raro. O segundo é que os Jesuítas procuram fazer desaparecer o documento. O terceiro, enfim, é que este documento enuncia a verdade, se bem que seja uma falsificação, do ponto de vista da crítica erudita. É em grande parte esta lenda que garante a longevidade espantosa das *Monita secreta*, esta falsificação surpreendente, da qual Michel Leroy diz que foi preciso esperar pelos Protocolos des Sages de Sion, na segunda metade do século XIX, para conseguir ser suplantada e eclipsada no imaginário conspiracionista⁹. Esta história da lenda e do texto das *Monita secreta* merece por isso uma prospecção analítica, desde a sua origem, na Polónia do início do século XVII, até ao ciberespaço do terceiro milénio.

2.1. A Origem Polaca do Documento

A primeira edição das *Monita secreta* data de 1614. No mês de Agosto desse ano, um opúsculo impresso em latim e intitulado *Monita privata Societatis Jesu*, com a menção do lugar de impressão falso, Notobirga, e a data igualmente falsa de 1612, circula em Cracóvia, capital do reino da Polónia. Antes de ser impresso, este texto já circulara, ao que parece, sob a forma de um manuscrito. Na folha de rosto do opúsculo, os curiosos podem ler que se trata das Instruções Secretas dos Jesuítas, escritas

⁸ Alexandre Brou, s.j., *Les Jésuites de la légende*, Paris, Retaux, 1906, p. 290.

⁹ Michel Leroy, *O mito jesuíta de Béranger à Michelet*, Tradução coord. José Eduardo Franco, Paris, Roma Editora, 1992, p. 246 e ss.

inicialmente em espanhol, encontradas em Pádua, traduzidas de seguida em latim, enviadas a Viena, depois para Cracóvia, aonde foram, enfim, distribuídas ao público¹⁰.

Essas instruções, somente reservadas a um pequeno número de escolhidos de entre os superiores da Ordem, teriam por objectivo, na sua totalidade, promover o aumento do poder temporal e das riquezas da Companhia de Jesus através de meios pouco «católicos». Escrito escandaloso, as Monita provocam imediatamente um contra-ataque por parte dos jesuítas que negam a autenticidade dessas instruções¹¹. Em Fevereiro de 1615, numa carta endereçada ao rei Sigismundo III, o padre Argenti, Visitador da Província da Polónia, denuncia esta contrafacção monstruosa. No dia 9 de Julho do ano seguinte, o Geral dos Jesuítas, Múcio Vitelleschi, encarrega o padre Gretser, filólogo e historiador jesuíta em Ingolstadt, de compor uma refutação para combater esta calúnia¹². Foi somente em 1618 que este jesuíta publicou os seus Trois livres apologétiques contre le fameux libelle intitulé Monita privata Societatis Jesu¹³. Em Dezembro de 1616, as Monita são condenadas pela Inquisição em Roma e postas no Index.

Desde 1615, que o bispo de Cracóvia, Tylicki, tinha promovido uma investigação que resultou na condenação das Monita, no dia 20 de Agosto de 1616¹⁴. No decorrer da instrução, o cura de Gozdziec, um tal Jérôme Zahorowski, é chamado perante o tribunal da Inquisição, sob a suspeita de ser o autor do panfleto. Esse antigo jesuíta tinha sido expulso da Companhia em 1613.

Embora não tenha sido condenado oficialmente, parece claro hoje que Zahorowski tinha de facto escrito as Monita secreta. O seu acto teria sido motivado pelo

¹⁰ Alexandre Brou, s.j., «Monita secreta», in *Dictionnaire apologétique de la foi catholique. Table analytique, supplément*, 1931, col. 28-34, aqui col. 28; e cf. Francisco Rodrigues, s.j., *op.cit.*, p. 97 e ss.

¹¹ P. Bembus, *Monita salutaria data anonymo auctori scripti, nuper editi, cui falso titulus inditus Monita Privata S. J.*, s.l., 1615, citado por Alexandre Brou, *Monita secreta, op. cit.*, col. 30. Ver também Paul Bernard, s.j., *Les Instructions Secrètes des Jésuites: Étude critique*, Paris, Lib. Bloud et Cie., 1903; e P. Tacchi Ventur, s.j., *I «Monita Secreta» dei Gesuiti*, 2ª edizione, Roma, Civiltè Cattolica, 1906.

¹² Carta do general Vitelleschi ao padre Gretser de 9 de Julho de 1616, citada por Bernhard Duhr, s.j., *Jesuiten-Fabeln. Ein Beitrag zur Kulturgeschichte*, Freiburg, Herdersche Verlagsbuchhandlung, 1904, p. 90. Cumpre recordar que os atentados propagandísticos à boa fama da Ordem de Santo Inácio decorrentes da publicação das *Monita* não deixaram as suas cúpulas, isto é, os superiores maiores indiferentes no plano do reforço da disciplina interna. Com efeito, os gerais Vitelleschi e Carafa tomaram medidas para refrear a intromissão dos seus Padres nos assuntos políticos e económicos dos Estados e de particulares. Cf. Paulo de Assunção, *Negócios Jesuíticos. A administração dos bens divinos*, Tese de doutorado, São Paulo, Texto policopiado, 2001, p. 172.

¹³ [Jakob Gretser, s.j.], *Iacobi Gretseri Societatis Iesv Theologi Contra Famosvm Libellvm, Cvivs Inscriptio Est: Monita Privata Societatis Iesv, Etc. Libri Tres Apologetici. Primus, ipsa Monita examinat. Secundus testimonia illustrium virorum contra Societatem discutit. Tertius docet, quid Illustrissimi Praesules & Proceres de Monitis eorumque Auctore sentiant*, s.l., s.n., 1618.

¹⁴ Bernhard Duhr, s.j., *Jesuiten-Fabeln, op. cit.*, p. 87.

desejo de vingar a sua expulsão da Ordem de Santo Inácio. Alguns indícios apoiam esta pista. Antes de mais, o próprio texto das *Monita* descreve os ex-jesuítas excluídos contenciosamente da Companhia como pessoas muito honradas e vítimas de uma perseguição cruel por parte dos seus antigos superiores. Em seguida, dá a mesma razão pela qual Zahorowski foi expulso. Professor de gramática, tinha, ao que parece, ditado aos seus alunos frases que se assemelhavam de maneira particular com o que se podia ler pouco tempo depois nas *Monita*. O seu superior, o Reitor do colégio de Lemberg Wielewicki, considerou essa atitude indigna de um membro da Companhia de Jesus e exigiu a sua demissão. Não se sabe muito mais acerca deste verosímil autor de um dos panfletos antijesuíticos mais eficazes da história do combate à influência desta Ordem Religiosa. Contudo, a tradição apologética diz que se arrependeu nos últimos momentos da sua vida, lamentando-se do mal que causara¹⁵.

2. 2. Entre a Aprovação e a Suspeita: o Destino das *Monita Secreta* do Século XVII ao Princípio do Século XVIII.

Apesar da condenação episcopal, e apesar da proibição de Roma, as *Monita Secreta* espalharam-se logo por toda a Europa. Além das numerosas reedições em latim no decorrer do século XVII, traduções em língua vernácula, em francês desde 1618¹⁶, depois em alemão, espanhol, inglês e italiano vêm a lume¹⁷. Numerosos editores comentam o texto, tentam orientar a leitura do público e insistem sobre o valor da sua edição que descobre os intentos secretos dos jesuítas¹⁸. Algumas lendas começam a congeminar-se em torno dessas pretensas instruções secretas. Relatam de que forma o texto acabou nas mãos do público apesar das precauções dos jesuítas.

O célebre panfletário antijesuíta, o alemão Caspar Scioppius (ou Schoppe), cria o relato canónico que podemos encontrar ainda no século XIX. Na sua *Anatomie de la*

¹⁵ Alexandre Brou, *Les Jésuites de la légende*, *op.cit.*, p. 286.

¹⁶ *Le secret des secrets des Jésuites, c'est-à-dire neuf discours touchant la vie, les menées et les complots des Jésuites, translaté de latin en français*, impresso em Notre Dame de la Virate, por Pierre Blanc, impressor jurado do referido local, 1618.

¹⁷ Ver, para essas traduções e em geral para um grande número de edições, os nos. 2938 à 3067 em Carlos Sommervogel, S.J. (éd.): *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, t. XI, Paris, 1932.

¹⁸ A título exemplificativo, consultar o prefácio de uma edição de 1635, sob o título: *ARCANA / SOCIETATIS / IESV / Publico bono vulgata / Cum Appendicibus utilifimis*, s.l., s.n., 1635, onde se lê, pp. 1-2: «SOCETATEM IESV ab omnibus cognosci publice interest, ut ex illius institutis, consiliis, gubernatione, actis & probatis solidè judicari possit, quo loco haberi debeat. [...] Pauci in *Arcana Societatis* penitiùs inquirunt, & sine affectu expendunt, quod sit ejus institutum, quis Sociorum scopus, quae vita, qui mores, quae consilia, quae per totam Europam molitiones.»

*Société de Jésus*¹⁹, afirma que os Capuchinhos de Paderborn, pequena cidade alemã, lhe teriam enviado o manuscrito das *Monita*, encontrado na biblioteca dos jesuítas. Este documento ter-lhes-ia sido oferecido pelo duque Christian de Brunswick que tinha saqueado o colégio da Companhia, aquando do cerco de Paderborn. Numerosos comentadores assinalam a incoerência deste relato.²⁰ A cidade de Paderborn só foi saqueada em 1622, ao passo que as *Monita* já eram conhecidas desde há muitos anos. Todavia, este aspecto factual é de pouca importância. Outros relatos ainda mais estranhos narram o itinerário do texto. Só o fabuloso mistério das *Monita*, manuscrito que teria chegado às mãos do público apesar da oposição dos jesuítas, alimenta a curiosidade dos leitores. O seu resgate originário em Paderborn permanecerá no imaginário antijesuítico. Contudo, tal como afirma Geoffrey Cubitt, os franceses do século XIX que liam esta história «ocorrida há alguns anos», pensavam na verdade que o cerco de Paderborn era um episódio recente mas pouco significativo das guerras napoleónicas²¹. Outras versões estão, no entanto, mais adaptadas às suas épocas respectivas.

Por volta do fim do século XVII, o texto das *Monita* começa a ser reestruturado. Um décimo sétimo capítulo é acrescentado ao mesmo tempo que são criados títulos e subtítulos. Depois o último parágrafo que termina o texto é colocado à entrada da obra, à laia de prefácio. As edições sucessivas melhoram linguisticamente as *Monita* para aumentar a sua legibilidade. É sob esta forma aperfeiçoada que se espalham no século XVIII.

As *Monita secreta* circulam sob títulos diversos: *Monita privata*, *Monita secretissima*, *Monitoria secreta*, *Arcana Societatis*, ou ainda *Mysteria patrum Jesuitarum*; e em português com o título *de Instruções Secretas dos Jesuítas* ou da *Companhia de Jesus*, ou *Admoestações à Companhia de Jesus*. Contudo, apesar do seu inegável êxito editorial, os maiores polemistas antijesuítas permaneceram cépticos relativamente a este documento. Por isso, Pascal não faz alusão a esse texto nas suas

¹⁹ [Scioppius, Caspar], *Caspari Scioppii Anatomia Societatis Jesu, seu Probatio Spiritus Jesuitarum. Item arcana imperii Jesuitici, cum instructione secretissima pro Superioribus ejusdem & Deliciarum Jesuitarum Specimina. Tandem divina oracula de Societatis exitu. Ad excitandam Regum & Principum Catholicorum attentionem utilissima*, s.l., s.n., 1633.

²⁰ Ver, por exemplo, *Monita secreta Societatis Jesu. Instruction secrètes de la Société de Jésus*. Prius vos ostendens fabricatores mendacii. Job, XIII, 4. Mostrarei em primeiro que vós sois artesãos de mentiras, Paris, por Mlle Carié de la Charie, editor, 1828, pp. 9-13; e Leonhardt Aloys Nellessen: *Die Monita secreta Societatis Jesu, oder: die geheimen Verhaltensbefehle der Jesuiten, ein Lügen-Machwerk*, Aachen, J. A. Mayer, 1825, pp. 3-4.

²¹ Geoffrey Cubbit, *The Jesuit Myth. Conspiracy Theory and Politics in Nineteenth-Century France*, Oxford: Clarendon Press 1993, p. 205.

Lettres provinciales. O seu ilustre confrade de Port-Royal, o teólogo Antoine Arnauld, publicista antijesuíta ainda mais profícuo, afirma numa carta do 11 de Novembro de 1688 que considera as *Monita secreta* um libelo difamatório do qual os jesuítas não são seguramente os autores²². Em 1713, o Carmelita Henri de Saint-Ignace, menos escrupuloso, não hesita em incorporar as *Monita* na sua *Tuba magna*, endereçada ao papa Clemente XI para o convencer a reformar a Companhia²³. Mas o jesuíta belga Alphonse Huylenbroucq corrige-o publicamente nas suas *Vindicationes alterae*²⁴, de tal forma que o autor imprudente teve que resignar-se a suprimir as *Monita* das edições ulteriores da sua obra.

Apesar da vigilância praticada pelos jesuítas e a reserva de alguns adversários cépticos, outros polemistas continuam a proclamar a autenticidade das *Instruções secretas*. No reino de Inglaterra, vítima da psicose de um *popish plot*, as *Monita secreta* parecem de facto credíveis para muita gente. Convencido do poder ameaçador dos jesuítas, John Walthoe julga útil assegurar-se da protecção do homem forte do governo da Coroa, Robert Walpole, «Primeiro Lorde da Tesouraria de Sua Majestade e Chanceler do Xadrez»²⁵, para editar uma versão bilingue em Londres no ano de 1723 :

Não é um autor, afirma ele na dedicatória, aquele que navega num mar de bajulação por forma a recomendar-se a si próprio a um mecenas, mas sim um editor que humildemente reconhece a protecção que Vossa Mercê oferece contra os autores, os quais poderão considerar o sacrifício de muitos milhares de indivíduos de pouca relevância social como eu, mas que representa uma remissão inestimável para oferecer novamente ao público o acesso às instruções secretas da sua Companhia. Isto é o que eu penso que possa justificar a minha oferta a Vossa Mercê, de um dos piores livros que alguma vez foram escritos, o qual se se vier a tornar inofensivo será por ser muito conhecido.²⁶

A propósito da denúncia do perigo jesuíta, cujas *instruções secretas* são uma

²² Carta de Antoine Arnauld, nas *Oeuvres* de M. Antoine Arnauld, t. III, Paris 1775, p. 143, citado por Bernhard Duhr: *Jesuiten-Fabeln*, op. cit., p. 107.

²³ [Henri de Saint Ignace], *Tuba magna mirum spargens sonum, ad Clementem undecimum [...] de necessitate reformandi Societatem Jesu*, Strasbourg, 1713.

²⁴ [Alphonse Huylenbroucq, s.j.], *Alphonsi Huylenbroucq Societatis Jesu Vindicationes alterae. Adversus famosos libellos quam plurimos & novam eorum collectionem, sub titulo Tuba magna novum clangens sonum &c.*, Gandavi, apud Michaellem Graet, 1713.

²⁵ *Secreta Monita Societatis Jesu. The secret instructions of the Jesuits*, London, Printed for John Walthoe, jun. overagainst the Royal Exchange in Cornhill., 1723, p. iii: «To the Right Honorable Robert Walpole, Esq; First Commissioner of His Majesty's Treasury, and Chancellor of the Echequer.»

²⁶ *Ibid.* pp. iv-v.

marca visível, John Walthoe expõe nas páginas seguintes uma nova versão da lenda das *Monita*. No entanto, os temas da raridade do texto e do esforço dos jesuítas para o fazer desaparecer e para negar a sua autenticidade perduram :

A seguinte obra-prima da política religiosa foi publicada durante muitos anos em Latim, Francês e Holandês. Uma das edições foi adquirida mais tarde em Antuérpia por John Schipper, livreiro em Amsterdão (...), da qual ele fez depois uma nova edição. Os Jesuítas ao serem informados que ele tinha adquirido esse livro exigiram-lhe a sua devolução, mas por essa altura ele já o tinha enviado para a Holanda. Entretanto, um membro da Companhia que vivia em Amsterdão, tomando conhecimento, através de um livreiro católico de nome Van Eyck, de que Schipper estava a imprimir um livro que dizia respeito aos Jesuítas, retorquiu que se se tratasse apenas das normas da Companhia, não ficava preocupado, mas gostaria que ele lhe informasse se era, de facto, esse o livro em causa. Sendo informado pelo livreiro de que se tratava das Instruções Secretas da Companhia, o bom padre encolhendo os ombros e franzindo o sobrolho afirmou que não havia outro remédio senão negar que esta obra não era proveniente da Companhia. Contudo, os reverendos padres consideraram aconselhável proceder à compra da edição inteira, o que efectuaram cabalmente com a excepção de algumas cópias que estavam na posse de dois prestigiados católicos romanos. De uma dessas cópias foi efectuada mais tarde uma nova edição do livro.²⁷

A versão Walthoe, isto é, do referido livreiro de Amsterdão e dos jesuítas apanhados de surpresa e querendo comprar todos os exemplares dessa edição, reaparece alguns anos mais tarde numa compilação francesa de textos antijesuíticos. Para o editor que permaneceu anónimo, as *Monita secreta* oferecem uma resposta satisfatória à questão de saber porque é que a fundação de Santo Inácio teve tanto sucesso em tão pouco tempo:

O engrandecimento dos *Jesuítas* é alvo da admiração de toda a gente. Não se percebe como em menos de dois séculos, esses religiosos puderam tornar-se tão poderosos, de maneira a serem temidos pelas outras ordens, mas sobretudo e também pelos Príncipes e Reis em todas as partes do universo. É um mistério para muita gente, que é importante aprofundar, e é o que se faz, ao dar ao público os elementos seguintes que encerram todo o segredo desse Mistério²⁸

²⁷ *Ibid.*, pp. vii-viii.

²⁸ *Les mystères les plus secrets des Jésuites contenus en diverses Pièces Originales*, A Cologne, Chez les Héritiers de Pierre Marteau, à l'Enseigne de la Vérité, 1727, *Avertissement*, p. 1.

Em França, as *Monita secreta* constituem um bom recurso para os adversários da Companhia. O êxito dos jesuítas tanto na rede escolar como junto do Rei Sol, o seu combate contra a «nova heresia» do jansenismo coroada pela destruição Port-Royal em 1709 e pela bula *Unigenitus* em 1713 – tudo isso os torna desde então insuportáveis para os seus inimigos. Ora as *Monita* permitem revelar o segredo do «sistema jesuíta» e simultaneamente oferecem um instrumento eficaz de calúnia. Desde então, não é de forma alguma surpreendente que o compilador anónimo dos *Mystères les plus secrets des Jésuites* escolha precisamente este texto para abrir a sua colecção. Em meados do século, os panfletários irão utilizar este documento para servir de suporte à sua estratégia que tinha por fim banir a «ordem negra».

2.3. As *Monita Secreta* e o Triunfo do Pensamento Conspiracionista

Em 1759, Pombal expulsou os jesuítas do reino de Portugal e das suas colónias. Em 1761, este poderoso ministro de D. José I faz queimar na fogueira o padre Gabriel Malagrida, antigo missionário do Brasil e director espiritual da defunta rainha-mãe, acusado de heresia e de ter sido um dos principais mentores da conspiração contra a vida do rei ocorrida no ano de 1758. Embora até à data da expulsão dos Jesuítas de Portugal não tenha sido feita nenhuma edição portuguesa das *Monita*, elas eram conhecidas e utilizadas directa e indirectamente nas campanhas antijesuíticas pré-pombalinas²⁹ e pombalinas³⁰. Um dos casos mais emblemáticos desta utilização verifica-se num dos catecismos antijesuíticas mais terríveis engendrado e difundido pelo Ministro Carvalho e Melo e enviado a todos os bispos do reino de Portugal e dos seus territórios ultramarinos, com ordem real para que os jesuítas fossem proibidos de exercer actividades pastorais nas dioceses e o povo fosse advertido contra o perigo que eles representavam para o país. Trata-se dos *Erros ímpios e sediciosos que os Religiosos da Companhia de Jesus ensinaram aos Réus, que foram justicados, e pretenderam Espalhar nos Povos destes Reinos*, publicados por Miguel Rodrigues em Lisboa no ano de 1759 após a leitura da Sentença dos Távoras. Nesta Sentença os Padres da Companhia eram implicados como mentores do atentado regicida de 3 de Setembro do

²⁹ Podemos observar o recurso às *Monita secreta* como documento autoritativo em memoriais antijesuíticos endereçados à Corte portuguesa para criticar a acção dos Jesuítas no Brasil, no quadro do seu conflito com os colonos e por causa da dilemática polémica em torno da escravização dos ameríndios. Disto são um bom exemplo os acutilantes memoriais de Paulo Silva Nunes elaborados nas décadas de 20 e 30 do século XVIII. Cf. BPE, cód. CXV/2-3.

³⁰ Existe também documentação na Torre do Tombo que em 1660 relaciona as *Monita secreta* com o atentado a D. José I. ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, caixa 951.

ano anterior. Com base nas *Monita secreta* e nos mais destacados autores e libelos da tradição portuguesa e europeia, Pombal procura construir e incutir a imagem de que a Companhia de Jesus possuía uma dimensão secreta, cuja forma institucional visível era apenas um disfarce, dirigida por instruções oclusas. Só um pequeno grupo de jesuítas sujeitos a selectiva iniciação participavam dos seus íntimos e terríveis segredos. Através desta escura organização secreta que a Ordem detinha, os jesuítas perpetravam os mais abomináveis crimes, e engendravam o seu monstruoso projecto de dominação universal.

Com efeito, as *Monita secreta* circulavam no país de forma manuscrita (em Latim ou mesmo traduzidas em vulgar) como nos testemunham uma série de apógrafos que sobreviveram nos arquivos portugueses com marcas de pertença a figuras da intelectualidade do tempo, quer da nobreza, quer do clero, quer pertencentes a bibliotecas particulares de instituições conventuais e outras³¹.

No mesmo ano em que Malagrida foi executado em Lisboa, o Parlamento de Paris ordenou um exame às Constituições e ao instituto dos Jesuítas. Preparou-se um primeiro decreto que declarava os «assim chamados jesuítas» daquele tempo como inimigos da ordem pública e intoleráveis em qualquer Estado civilizado. Em 1764, a Ordem de Santo Inácio foi proibida em França por decreto real. Pouco tempo depois, Carlos III de Espanha ordena secretamente, e em poucos dias, a expulsão de todos os jesuítas do seu reino durante a Páscoa de 1767. Em breve, os seus parentes mais próximos, o rei de Nápoles e o duque de Parma imitam-no. Finalmente, em 1773, o Papa Clemente XIV cede sob a pressão das cortes europeias coligadas para o mesmo fim: as cortes francesa, espanhola e portuguesa. Este pontífice assina a bula *Dominus ac Redemptor* que suprime, supostamente de forma irrevogável, a Companhia de Jesus. Durante esta década de perseguição, um verdadeiro combate de penas entre adversários e defensores da Companhia abrasa a Europa. No decurso desses debates públicos, as *Monita* desempenham um papel crucial.

Em 1760, reaparecem num panfleto italiano particularmente odioso, intitulado *I lupi smascherati (Les loups démasqués)*³². Aqui o ajustamento a circunstâncias

³¹ Podemos referenciar a título exemplificativo a localização das seguintes cópias manuscritas identificadas por nós: BPE, códs. XXX/2-7 e CX/1-7; BNL, Secção de Reservados, códs. 7025, 9822, 6463, 6041, 7991, 2041, 3719.

³² *I lupi smascherati nella confutazione; e traduzione del libro intitolato: Monita secreta sociteatis Jesu. In virtute de quali giunsero i gesuiti, all' orrido; ed esegrabile assassinio di sua sagra reale Maesta fedelissima Don Guiseppe I. Re di Portogallo &c. &c. &c. Con un Appendice di Documenti rari, ed inediti*, Ortignano, Nell'Officina di Tancredi, e Francescantonio Padre, e Fig'o Zaccheri de Strozzagriffi, 1760.

históricas particulares está perfeitamente conseguido. De uma forma astuta, o autor anónimo do prefácio, que conta por si só com cento e trinta e sete páginas (ao passo que nesta edição, as *Monita* só possuem setenta e seis), articula a doutrina contida nas *Monita* com a tentativa de regicídio contra Dom José I, ocorrida em Portugal. Como anuncia o título da obra, seria à luz dessas instruções secretas que os assassinos teriam actuado. Além do mais, o editor acrescenta ao texto das *Monita* outros documentos correlacionados com o assunto dos jesuítas portugueses. Várias bulas papais e alguns panfletos antijesuíticos recentes dão esteio ao dossier de acusação. Segundo os testemunhos da época, este livro consegue um enorme êxito que vai além do horizonte da península italiana. Em 1762, este livro foi traduzido em alemão e depois reeditado nesta língua em 1762 e em 1773³³. Em Hamburgo, o *Hamburgische unpartheyische Correspondent*, o jornal de língua alemã mais influente da época, sublinha o alvoroço que a obra provoca. No suplemento literário semanal do jornal, afirma-se que «este livro fez um estrondo surpreendente em toda a Itália, e sobretudo em Roma, e é procurado avidamente.»³⁴ Após ter identificado Genebra como local mais plausível de edição, acrescenta: «Este é um dos livros mais violentos que alguma vez tenha sido publicado até à data contra os jesuítas. Ele contém expressões que provavelmente ninguém deixaria passar a não ser na Suíça.»³⁵ O jornalista relata igualmente a história das *Monita*, de acordo com o prefácio «histórico-crítico»³⁶ dos *loups démasqués*:

Desde sempre, procurou-se as *Monita Secreta* com muita insistência, e (...) Henri de St. Ignace publicou-as pela primeira vez em 1713, na sua *Tuba magna*. Os jesuítas, e antes de mais Huylenbroucq, deram-lhe como autor um polaco, Jérôme Zaorowitz [sic]; mas o presente autor procura mostrar a partir do comportamento dos jesuítas, que as *Monita* são-lhes específicas.³⁷

Todavia, alguns eruditos alemães, até mesmo protestantes, não ficaram tão convencidos do valor histórico das *Monita*. O professor Anton Ernst Klausning, editor de uma colecção de documentos sobre os assuntos de Portugal, pouco suspeito de filojesuítismo, declara que crê inútil e até pouco merecedor de tradução em língua alemã, os *loups démasqués*, já que se ignora afinal se as *Monita* são autênticas. Além do

³³ *Die entlarvten Wölfe. Aus dem Portugiesischen in das Italiänische und aus diesem in das Deutsche übersetzt* [traduzido pelo Johann Friedrich Le Bret], s.l. [Ulm], 1761; 2ª ed., s.l. 1762; 3ª ed. s.l., 1773.

³⁴ *Wöchentliche Gelehrte Nachrichten Zum Hamburg. unpartheyischen Correspondenten*, no. 38, 18 septembre 1761, p. 1.

³⁵ *Ibid.*, p. 2.

³⁶ *Ibid.*, p. 1.

³⁷ *Ibid.*, p. 1.

mais, o simples facto de se ter encontrado exemplares na posse de jesuítas não é razão suficiente para concluir que são eles os verdadeiros autores³⁸.

O cepticismo de uns não impede o fanatismo antijesuítico dos outros. As *Monita* são trazidas a público em muitas outras edições ainda, durante os debates sobre a supressão. Assim, a colecção dos *Mystères les plus secrets des Jésuites* é então oportunamente reeditada em 1761, desta vez «às custas da Companhia», antes de ser traduzida em alemão em 1774³⁹. Uma edição franco-latina das *Monita* surge no mesmo ano⁴⁰, e, em 1762, as *Instruções secretas* aparecem, enfim, «ad majorem Dei gloriam»⁴¹. Também com «Superiorum permissu ac privilegio» aparece em 1767 uma luxuosa edição latina deste documento, que pensamos ter sido promovida no quadro das campanhas internacionais antijesuíticas subsidiadas por Pombal⁴². A ser verdadeira a hipótese que formulamos desta publicação ter sido feita em Portugal ou às custas do erário régio português, deverá ser registada como a primeira edição portuguesa das *Monita secreta*.

Outras edições se seguiram em latim e em italiano⁴³. Desde 1760, o professor e membro da sociedade científica de Berlim Johann Christoph Harenberg tinha integrado as *Monita* em alemão na sua *Histoire pragmatique de l'ordre des Jésuites* como documento histórico⁴⁴. Em 1765, o historiador jesuíta Friedrich von Reiffenberg publica uma *Histoire critique des Jésuites* na qual responde ao seu confrade berlinense através

³⁸ [Anton Ernst Klausning], *Sammlung der Neuesten Schrifften, welche die Jesuiten in Portugal betreffen*. Aus dem Italiänischen übersetzt. Dritter Band, Frankfurt und Leipzig 1761, Vorrede, p. 8.

³⁹ *Les mystères les plus secrets des Jésuites contenus en diverses Pièces originales*, Amsterdão, Às custas da Companhia, 1761; *Der Jesuit in seiner Blöße Oder: Die entdeckten Geheimnisse des Jesuiter-Ordens*. Aus dem Französischen übersetzt, Paris, 1774.

⁴⁰ *Instructions secrètes de la Compagnie de Jésus tirées de ses Constitutions*, s.l., s.n., [1761].

⁴¹ *Instructions secrètes et dispositions particulières des provinciaux des cinq provinces des Jésuites de France, des recteurs et des personnes graves de la Société, adressées aux catholiques français. Ad majorem Dei gloriam*, A Dolésie, s.n., 1762.

⁴² *Monita Secreta Societatis Jesu*, s.l., s.n., 1767. Além das marcas tipográficas poderem indiciar semelhanças com as peças tipográficas típicas de outras edições pombalinas propaladas internacionalmente, existem alguns exemplares arquivados nas nossas bibliotecas nacionais. Por exemplo, o exemplar desta edição existente na Biblioteca Nacional de Lisboa encontra-se agregado, numa miscelânea, a outros documentos portugueses vertidos em língua italiana para propaganda internacional antijesuítica, como é o caso dum documento atribuído a Giusseppe de Seabra da Silva, *Prove e confessioni autentiche estrate dal processo, chi dimonstrano la reita de Gesuiti nell'attento regicidio di S.M. Fedelissim D. Guiseppe I Re di Portogallo (...)*. BNL, Secção de Reservados, DS.VXIII – 352. Ver também outro exemplar patente na BPE, cód. B./4783.

⁴³ *Monita secreta Societatis Jesu*, s.l., 1767; *Istruizioni secreta della Compagnia di Gesù con importanti aggiunte*, Roma, Tipografia della Propaganda, con permissione, s.d., s.n., [années 1760].

⁴⁴ Johann Christoph Harenberg, *Pragmatische Geschichte des Ordens der Jesuiten, seit ihrem Ursprunge bis auf die gegenwärtige Zeit, durch Johann Christoph Harenberg, Probst des S. Lorenzstiftes vor Scheningen, ord. Professor des Herzoglichen Carolin zu Braunschweig, Mitglied der Königl. Societät der Wissenschaften zu Berlin u.s.f.*, 2 vols, Halle / Helmstedt, 1760.

de sarcasmos:

Harenberg tinha tanto medo que esta peça preciosa [as *Monita*] desaparecesse, que a imprimiu novamente para a integrar na sua acumulação de mentiras. Eu não paro ao lado dessa mercadoria podre. Já que toda a gente sabe que [as *Monita*] foram desde há muito condenadas publicamente pelo papa e por outros bispos, e que estão entre os libelos difamatórios atribuídos falsamente à Sociedade.⁴⁵

Apesar das *Monita secreta* terem ocupado um lugar de destaque na polémica antijesuítica dos anos 1760, a sua influência não se manifesta a não ser indirectamente nos processos judiciais e diplomáticos que concorrem para a supressão dos jesuítas. De facto em França, os Parlamentos esforçaram-se por apresentar provas da nocividade da Companhia de Jesus recorrendo mais aos próprios autores jesuítas. Recusaram, todavia, basear-se nas *Instruções Secretas*. Nenhuma menção é feita delas nas numerosas publicações oficiais, relatórios, decretos e defesas⁴⁶. O texto, alvo de excessiva controvérsia, não satisfazia as condições de uma prova positiva. Mas, a convicção de que existia de facto um segredo nas constituições e no instituto dos Jesuítas, impõe-se a quase todos. Na *Histoire de la naissance et des progrès de la Société de Jésus*, fonte de inspiração preferida dos magistrados encarregados de examinar as constituições da ordem⁴⁷, os jansenistas Christophe Coudrette e Louis-Adrien Le Paige exprimem essa ideia com veemência: «O instituto dos jesuítas é um mistério que eles escondem com cuidado [...]: mistério que só anuncia que contém coisas que pedem que não sejam conhecidas.»⁴⁸ E mais longe, após ter afirmado a existência de «constituições secretas, & [...] outros Escritos misteriosos»⁴⁹, concluem:

Todavia, a segurança de todo o Estado civilizado e, especialmente, o direito público em França, exigem que os Magistrados conheçam o que constitui as organizações que aí se estabelecem. [...] Os Jesuítas, por causa da natureza do seu Instituto e do segredo em que deve ser mantido, não

⁴⁵ [Friedrich von Reiffenberg], *Critische Jesuiter-Geschichte worinnen alles aus ächten Quellen kurz hergeleitet: die sogenannte Pragmatische Historie des Herrn Professors Harenberg stark beleuchtet: und zugleich alles gründlich beantwortet wird, was diesem preiswürdigen Orden von seinem Ursprung an bis auf gegenwärtige Zeit ist zur Last gelegt worden. Von einem Liebhaber der Wahrheit*, Frankfurt/Main, 1765, p. 29.

⁴⁶ Alexandre Brou, *Monita secreta*, op. cit., cols. 31-32.

⁴⁷ Voir Dale Van Kley, *The Jansenists and the Expulsion of the Jesuits from France 1757-1765*, New Haven / London, Yale University Press, 1975, pp. 108-136.

⁴⁸ [Christophe Coudrette / Louis-Adrien Le Paige], *Histoire générale de la naissance & des progrès de la Compagnie de Jésus, Et Analyse de ses Constitutions & Privilèges...*, t. III, s.l., 1761, p. 311.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 314.

são por conseguinte aceitáveis em nenhum Estado civilizado, e muito menos ainda em França.⁵⁰

De facto, já não são mais as *Monita secreta* que estão aqui postas em causa, mas as próprias Constituições da Ordem. Ora estas nunca tinham tido uma existência oculta. De onde vem esta ideia do mistério impenetrável, esta obsessão pelo segredo dos jesuítas? Não será o resultado da lenda das *Monita*, da ideia que sobreviveu das instruções secretas vistas como um documento cuidadosamente escondido aos olhos do mundo inteiro?

O poder real desta lenda revela-se também no momento da supressão papal. As casas e as bibliotecas dos jesuítas são revistadas pelas autoridades à procura das «imensas riquezas» da ordem e das instruções secretas. O bispo de Würzburg-Bamberg, Adam von Seinsheim, admira-se então do facto de que a lista dos livros confiscados no colégio de Bamberg não abarque as famosas *Instruções secretas*. Queixa-se disto junto do seu Vigário Geral e ordena, no mês de Novembro de 1773, um interrogatório ao padre Busaeus, antigo Reitor do colégio, acerca das *Monita secreta*. Ora, apesar das ameaças, Busaeus mostra não saber de nada. Interrogado acerca da descoberta de exemplares das *Monita* noutros colégios, responde que se trata provavelmente da *Tuba magna* ou de outros livros, igualmente forjados. Relativamente a esse facto, o bispo resigna-se a terminar a pesquisa se bem que mantenha as suas posições. Declara que os jesuítas negam sempre!⁵¹

A lógica conspiracionista revelada nas *Monita secreta* alimenta a suspeita relativamente aos antigos jesuítas, se bem que a Ordem seja supressa. «O golpe dirigido contra eles no ano de 1773, sob o pontificado do papa Clemente XIV, não podia surpreendê-los. Desde há muito, tinham aprestado um estado que tornasse impossível a supressão completa da sua ordem», escreve o historiador Peter Philipp Wolf, em 1789⁵². Agora mais do que nunca urge «desmascarar os lobos» e revelar ao público o génio conspiracionista desses religiosos vivendo desde então na clandestinidade. Isso explica as novas edições de 1782, comentadas pela *Allgemeine deutsche Bibliothek*. Explica também a obsessão do autor protestante anónimo de um grande tratado publicado em 1786 sob o título *Exposition provisoire du jésuitisme de nos jours, des rose-croix, des*

⁵⁰ *Ibid.*, pp. 318-319.

⁵¹ O episódio é relatado por J. B. Mundwiler, s.j., «Eine Jagd auf die «Monita secreta» der Jesuiten», in *Historisch-politische Blätter*, Vol. 141, 1908, pp. 1057-1065.

⁵² Peter Philipp Wolf, *Allgemeine Geschichte der Jesuiten von dem Ursprunge ihres Ordens bis auf gegenwärtige Zeiten*, Zürich, Orell, Gessner, Füssli u. Comp., Bd. I, 1789, Vorrede p. IV.

*faiseurs de prosélytes et des associations religieuses*⁵³. Segundo essa obra-prima do pensamento conspiracionista, o papa intriga para «destruir o protestantismo e colocar a Razão sob o jugo da hierarquia romana»⁵⁴. Com esse propósito, utiliza a Companhia de Jesus, ordem «que, enquanto inimiga jurada das Luzes, da verdadeira veneração de Deus, do Protestantismo e de todos os direitos da Razão, colaborou com a execução desse plano execrável, desde o seu nascimento até este dia em que se encontra no estado de supressão [...]»⁵⁵. Com o objectivo de reforçar a sua argumentação perante os leitores, o autor anónimo apresenta, no fim do seu tratado, as *Monita secreta*, antecedidas por um estudo «científico» sobre a história do texto. Este tem preciosas indicações bibliográficas e será reaproveitado nos séculos seguintes. As lendas dos jesuítas de Paderborn e do editor de Amsterdão são repetidas. No fundo, estas versões lendárias não se excluem, podendo a segunda muito bem suceder à primeira. Quanto ao problema da identificação do autor das *Instruções secretas*, a tese «jesuítica» do polaco Zahorowski é mencionada. Todavia, o protestante opta por identificar aquele que lhe parece ser o seu verdadeiro autor, dando como sendo o célebre Superior Geral dos Jesuítas, Cláudio Aquaviva. Esta opção autoral será retomada de vez em quando no século XIX.

Durante a Revolução Francesa, o pensamento conspiracionista atinge o seu apogeu e penetra em todos os campos políticos. No entanto, diz respeito doravante mais à divisão da velha aristocracia, de um lado, e dos filósofos, do outro. De qualquer modo, no século XIX, quando a Restauração permite o restabelecimento dos jesuítas em França, as edições das *Monita secreta* multiplicam-se novamente.

2.4. Entre o Anticlericalismo de Esquerda e o Reaccionarismo de Direita: as *Monita Secreta* do Século XIX aos nossos Dias

No século XIX, as *Monita secreta* conhecem um novo sopro de vida. O texto é difundido por toda a Europa, mas também no novo mundo. A sua impressão é espectacular. Mas as inovações técnicas da imprensa, que tornam possível uma produção em massa, não são as únicas responsáveis por este êxito editorial. Nos momentos de exacerbação do anticlericalismo liberal e republicano, verifica-se a

⁵³ *Vorläufige Darstellung des heutigen Jesuitismus, der Rosenkreuzerey, Proselytenmacherey und Religionsvereinigung*, Deutschland, 1786.

⁵⁴ *Ibid.*, p. III.

⁵⁵ *Ibid.*, pp. III-IV.

produção de um novo surto de escritos antijesuíticos⁵⁶. Se bem que o século não seja pobre de produções originais, como é o caso do *Judeu errante* de Eugène Sue⁵⁷, em França, ou *A Ciência e o Jesuitismo* de Miguel Bombarda, em Portugal, os «clássicos» do antijesuitismo ainda estão em voga e circulam ao lado das novas obras engendradas para combater os Jesuítas⁵⁸.

Em 1816, aparece uma primeira edição alemã das *Monita secreta*, seguida, em 1820, por outra em francês⁵⁹. Neste ano em que eclode a revolução liberal portuguesa, vem a lume a primeira edição traduzida em português das *Instruções secretas*⁶⁰ que a Imprensa Nacional, em Lisboa reimprime em 1834⁶¹, mas que também, entretanto, já tinham sido editadas no Brasil, em 1827. Em 1823, as *Instruções secretas* são lidas em espanhol no México⁶². O ano seguinte, Ponthieu, «livreiro no Palais Royal», em Paris, imprime uma nova versão francesa reeditada por sete vezes em dois anos⁶³. O *Précis de l'histoire générale de la Compagnie de Jésus, suivi des Monita secreta* de Arnold Scheffer aparece pela primeira vez em 1824 e será reeditado sete vezes até 1826. Esta última edição atingiu a cifra espantosa de uma tiragem de vinte mil exemplares⁶⁴. Em 1844, uma edição franco-flamenga surge em Bruxelas⁶⁵. A partir de 1845, novas edições aparecem com grande procura em Lisboa, em Blois, em França, em Madrid e em Londres⁶⁶. Edições alemãs seguem-se em 1863 e em 1891⁶⁷. No entanto, a edição

⁵⁶ Sobre o anticlericalismo em Portugal ver o excelente trabalho de aproximação hermenêutica de Luís Machado de Abreu, *O discurso do anticlericalismo português (1850-1926)*, Separata da Revista da Universidade de Aveiro, Aveiro, 1999.

⁵⁷ Cf. Michel Leroy, *op. cit.*, p. 283-284.

⁵⁸ Cf. José Eduardo Franco & Bruno Cardoso Reis, *Vieira na literatura anti-jesuítica*, Lisboa, Roma Editora/Fundação Maria Manuela e Vasco de Albuquerque d'Orey, 1997, p. 62 e ss.

⁵⁹ *Geheime Vorschriften der Väter der Gesellschaft Jesu. Aus einer lateinischen Handschrift. Zweite berichtigte und vermehrte Ausgabe mit einem Anhang*, Deutschland 1816; *Instructions secrètes des Jésuites*, in *Le Citateur politique, moral et littéraire*, vol. 1, 1820, pp. 144-257.

⁶⁰ *Instruções secretas que devem guardar todos os religiosos da Companhia. Auctor o Reverendissimo P. Claudio Aquaviva, da mesma Companhia, Fielmente traduzida da lingua hespanola na portugueza por J. S. de A.*, Lisboa, Na officina Simão Thadeo Ferreira, 1820. Traz a indicação de que a edição é feita com a licença da Comissão de Censura.

⁶¹ *Monita Secreta ou Instruções Secretas dos Jesuítas*. Traduzidas em vulgar da tradução francesa com o texto latino ao lado, seguida de peças justificativas, Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1834.

⁶² *Constitución secreta de los Jesuítas*, [México], 1823, cf. Carlos Sommervogel: *Bibliographie, op. cit.*, no. 3014.

⁶³ *Instructions secrètes des Jésuites, ou Monita secreta Societatis Jesu*, Paris, Ponthieu, 1824, cf. Carlos Sommervogel: *Bibliographie, op. cit.*, no. 3015.

⁶⁴ Os números dessa contagem são fornecidos por Geoffrey Cubitt, *The Jesuit Myth, op. cit.*, p. 205, n. 33.

⁶⁵ *Instructions secrètes de la Société de Jésus, publiées d'après un manuscrit su XVIIIe siècle, avec le texte flamand en regard*, Bruxelas, Wouters & Cie., 1844, cf. Carlos Sommervogel: *Bibliographie, op. cit.*, no. 3028 e 3029.

⁶⁶ Ver os números 3030, 3031, 3033, 3034, 3035 em Carlos Sommervogel: *Bibliographie, op. cit.*

⁶⁷ *Die geheime Instruktion der Jesuiten. Dem Deutschen Volke vorgelegt von Dr. Vigilantius*, Leipzig 1863; Hermann Johann Gräber: *Die geheimen Vorschriften (Monita secreta) und 31 Instruktionen der Novizen von und für Jesuiten, nebst Vorwort und Nachwort*, Barmen, 1890.

francesa do livreiro Dentu conhece indubitavelmente o maior sucesso. A partir de 1861, vinte mil exemplares são vendidos em dezoito meses. A versão Dentu é reimpressa dezoito vezes até 1879⁶⁸. A partir da terceira edição, em 1863, o título menciona que as *Instruções* são antecedidas por uma introdução de Charles Sauvestre, professor e publicista, que modifica o seu texto a cada nova edição. Sauvestre esforça-se por aí estabelecer a autenticidade das *Monita*. Para este efeito, apesar de ter contra isso o argumento já antigo de que essas instruções seriam apócrifas, considera que são, no entanto, o reflexo do *modus procedendi* dos Jesuítas. Apresenta-as, portanto, como sendo autênticas, pelo menos quanto ao seu conteúdo, se não o forem quanto à forma⁶⁹.

A supressão dos jesuítas em 1773 fez nascer uma nova versão da lenda da descoberta das *Monita*. Esta associa-se, nos séculos XIX e XX, à da casa de Paderborn e à do editor de Amsterdão. Julius Hochstetter faz-lhe menção na sua edição de 1901. Apresenta-se aí como uma rigorosa *Quellenkritik*, quase científica, destinada a descrever o caminho do impresso até aos manuscritos originais. O padre Brothier, último bibliotecário dos jesuítas em Paris, antes da Revolução, teria conservado um manuscrito original das *Monita*. Facto curioso, o seu manuscrito seria idêntico a um outro exemplar, descoberto nos esconderijos do colégio de Limbourg aquando da supressão, e conservado desde então sob a cota 730 nos arquivos belgas do Palácio de Justiça em Bruxelas⁷⁰. Mas, na edição portuguesa de 1881 de Carrilo Videira (que afirmava que «realmente o meio mais leal de abater os inimigos é vulgarizar as suas doutrinas»), uma versão semelhante já era assim apresentada pelo editor no texto prefacial: «A *Monita Secreta*, ou *Instruções secretas dos Jesuítas*, foi pela primeira vez publicada em Paderborn, na Vestefália, em 1661 (sic). O manuscrito encontrado em Paris, num convento dos Jesuítas, escrito pela mão do erudito Brothier, bibliotecário dos jesuítas de Paris, confere completamente com aquele e, além disso, o tribunal da justiça de Bruxelas possui também um exemplar da *Monita secreta*, encontrado na casa de Ruremonde, quando os jesuítas foram perseguidos e expulsos da Bélgica»⁷¹.

⁶⁸ *Monita Secreta Societatis Jesu. Instructions secrètes des Jésuites. Nouvelle édition*, Paris, Dentu, 1861. Para os números cf. Geoffrey Cubitt, *The Jesuit Myth*, *op. cit.*, p. 205.

⁶⁹ A argumentação de Sauvestre é resumida por Geoffrey Cubitt, *op. cit.*, p. 206. O mesmo argumento já tinha sido utilizado em 1786 pelo autor da *Vorläufige Darstellung des heutigen Jesuitismus...*, *op. cit.*, p. 15.

⁷⁰ Julius Hochstetter, *Monita secreta. Die geheimen Instruktionen der Jesuiten. Lateinisch und Deutsch*, Stuttgart, 1901, p. 5.

⁷¹ *Monita secreta. Instruções secretas dos Jesuítas*, Pref. de J. Carrilho Videira, Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1881, p. X. Esta edição surge como o volume XXIV publicado pela Biblioteca Republicana Democrática.

Os manuscritos do padre Brothier e do colégio de Limbourg não anulam a objecção já emitida por Anton Ernst Klausning, a meio do século anterior, segundo o qual a presença das *Monita* em casa de um jesuíta, mesmo manuscritas, não atestam que os padres sejam os autores.

Todavia, a argumentação de Hochstetter era de tal modo persuasiva que chegou a ser copiada quase literalmente pelos editores bávaros dos *Ecrits populaires pour la révolution des esprits*, em 1903⁷². O estilo «científico» de Hochstetter responde às exigências «positivistas» do debate científico que se desenvolve em volta das *Monita secreta*, sobretudo na Alemanha. De facto, ao longo do século XIX, uma controvérsia acompanha o fluxo de reedições. Uma primeira refutação aparece em 1813 em Paderborn, na própria cidade em que, segundo a lenda de Scioppius, as *Monita* teriam sido descobertas pela primeira vez⁷³. É seguida pela de Leonhardt Aloys Nellessen, em 1825⁷⁴. Três anos depois, na cidade de Paris, sob o título um pouco desconcertante de *Monita secreta Societatis Jesu*, um violento ataque é impresso contra as *Monita*. O autor denuncia aí a vanidade de qualquer tentativa de refutação dessas instruções secretas que só existem na imaginação dos inimigos da ordem: «As *Monita secreta* só existem na imaginação do infeliz que as publicou, combatê-las seria fazer montra de uma loucura maior que a de Dom Quixote quando atacava moinhos: não se pode fazer mais do que provar que não existem»⁷⁵.

Na realidade, alguns detractores das *Monita* esforçaram-se efectivamente, apesar disso, contra tudo e todos para demonstrar a autenticidade deste documento.⁷⁶ Assim, em 1902, Johannes B. Reiber compara as *Monita* com as fontes oficiais da ordem.⁷⁷ Ora, as *Monita* estão em contradição flagrante com todas as normas da Companhia. A refutação não mina, apesar de tudo, a lógica conspiracionista. Segundo esta lógica, as regras e constituições oficiais dos jesuítas não passam de uma máscara com a qual se dissimulam os facínoras. As *Monita* são o código real do modo de agir dos jesuítas.

⁷² *Die Jesuiten und deren Geheimnisse (Monita secreta). Nach dem Manuskripte des Jesuitenpaters Brothier*, Bamberg, 1903 (=Volksschriften zur Umwälzung der Geister XXXVII).

⁷³ *Die geheimen Verordnungen der Gesellschaft Jesu, ein Schanddenkmal, welches die Feinde der Jesuiten sich selbst wiederholt errichtet haben. Ausführlich beleuchtet von einem katholischen Laien*, Paderborn, 1813.

⁷⁴ Leonhardt Aloys Nellessen, *Die Monita secreta Societatis Jesu*, op. cit..

⁷⁵ *Monita secreta Societatis Jesu. Instruction secrètes de la Société de Jésus*, Paris, chez Mlle Carié de la Charie, op. cit., p. 14.

⁷⁶ Ver, por exemplo, Jean Chantrel, «Monita secreta, Instructions secrètes des Jésuites, brochura apócrifa», in *Revue du Monde catholique*, vol. 1, 1861, p. 468-471; C. Van Aken, *La fable des Monita secreta ou instructions secrètes des Jésuites. Histoire et bibliographie*, Bruxelles, 1881.

⁷⁷ Johannes B. Reiber, *Monita secreta. Die geheimen Instruktionen der Jesuiten verglichen mit den amtlichen Quellen des Ordens*, Augsburg, Seitz, 1902.

Ainda no século XX e XXI, os argumentos, no seu cômputo geral razoáveis, dos historiadores jesuítas que desconstróem o antijesuitismo, como Bernhard Duhr, Alexandre Brou e Francisco Rodrigues, largamente aceites pela comunidade dos historiadores mais exigentes, não determinaram a morte das *Monita secreta*⁷⁸. Não há muito tempo, na última década do século XX, foi feita em Portugal uma edição actualizada de uma das muitas traduções das *Monita* do século XIX, a partir da de 1859, sem qualquer enquadramento crítico⁷⁹.

Apesar de se conhecer com uma relativa certeza o autor das *Monita*; não obstante o desprezo partilhado por alguns inimigos jurados da companhia relativamente a essa falsificação grosseira; e, enfim, apesar da história do instituto da Companhia de Jesus não propor qualquer regra de comportamento conforme às *Instruções*, nada disso consegue abalar definitivamente o poder misterioso deste texto. Para isso basta marcar *Monita secreta* em qualquer motor de pesquisa da *internet* para chegar a *sites* obscuros. Esses autores marginais, frequentemente cristãos de extrema direita, pensam servir a humanidade ao publicar as famosas *Instruções secretas*. Associam-nas aos *Protocolos dos Sábios de Sião* para desmascarar os obreiros do Mal. Na hora da globalização e do ciberespaço, a paranóia conspiracionista tem ainda adeptos que acreditam que se pode vir a ser o dono do universo seduzindo viúvas ricas.

3. Conteúdos e Significados de um Manual Conspiracionista

O recurso à reedição das verrinosas Instruções Secretas dos Jesuítas⁸⁰ para promover o reavivamento da propaganda antijesuítica ao longo do século XIX, era uma arma estratégica poderosa para melhor atacar os Jesuítas e credibilizar os argumentos propalados pelos seus adversários. Com a divulgação de um alegado código secreto que inspiraria e orientaria as suas demoníacas práticas de afirmação sócio-política e religiosa pretendia-se desmascarar eficazmente aqueles que se acreditavam serem os verdadeiros fautores da decadência nacional. Este best-seller da literatura internacional,

⁷⁸ Bernhard Duhr, s.j., *Jesuiten-Fabeln*, op. cit., p. 84-112; Alexandre Brou, s.j., *Les Jésuites de la légende*, op. cit., p. 276-301.

⁷⁹ *Monitoria Secreta ou Instruções Secretas dos Padres da Companhia de Jesus, Compostas pelo Padre Cláudio Aquavivei da mesma Companhia*, Ericeira, Sol Invictus, 1990.

⁸⁰ O título latino *Monita Secreta* foi decalcado das *Monita Generalia* de forma acomodatória para fins de propaganda denegridora. Estas *Monita Generalia* era o nome dado às cartas endereçadas pelo Padre Geral da Companhia de Jesus aos seus religiosos dispersos pelas diversas partes do globo. Essencialmente, o autor das *Monita Secreta* queria fazer passar a ideia de que os métodos de afirmação da Companhia de Jesus nos países e regiões onde se estabeleciam não obedeciam a qualquer escrúpulo de carácter moral e visavam a aquisição de um poder sem limites para controlar todos os poderes de forma sub-reptícia.

dada a sua intensiva divulgação pelo antijesuitismo português e em língua portuguesa e dada a sua influência inspiradora da propaganda antijesuítica nacional, também diz respeito, deste modo, à cultura antijesuítica portuguesa.

Estas Instruções eram acreditadas como sendo um verdadeiro manual secreto que instruía a conduta dos religiosos da Companhia para atingir os seus fins. Esse modo de agir assentaria no pilar fundamental que era o aforismo maquiavélico, «os fins justificam os meios», ainda que estes sejam condenáveis pela sua ilicitude moral. Com a divulgação deste código de conduta jesuíta pretendia-se explicar o sucesso da afirmação eclesial e sócio-política da Companhia de Jesus e a sua extraordinária influência na história de Portugal passada e presente. O conteúdo normativo das Monita seria o reflexo fiel dos processos de conquista de influência e de poder utilizados pelos Padres da Companhia nos diferentes cenários em que se instala.

Com efeito, estas Instruções secretas foram abundantemente divulgadas no período do liberalismo português. Foram publicadas especialmente em momentos fortes de recrudescimento da polémica em torno da questão religiosa e, neste quadro, das polémicas especializadas em torno do congreganismo e do jesuitismo⁸¹. Destaca-se aqui as edições compostas para efeitos de estratégia propagandística em 1820 com o despoletar da questão congreganista; em 1834, no quadro da segunda expulsão dos Jesuítas e da extinção das Ordens Religiosas; em 1859, no decurso da questão das Irmãs da Caridade e da segunda restauração da Companhia de Jesus em Portugal; em 1872, na sequência da polémica em torno do encerramento das Conferências do Casino; em 1881, um ano antes das Comemorações do Centenário da Morte do Marquês de Pombal; em 1887, em plena efervescência das campanhas antijesuíticas em Portugal promovidas por positivistas, maçãs e republicanos; em 1895, por ocasião da celebração do Centenário de Santo António a que a Igreja quis dar visibilidade social; em 1901, com o rebotar da questão congreganista; e em 1910, com a revolução republicana e a terceira expulsão dos Jesuítas do país⁸². Isto além da publicação de fragmentos das Monita na imprensa periódica e de imensas referências e citações feitas em obras de polémica

⁸¹ Para uma visão actualizada da história religiosa em Portugal nas suas relações com a história política e social ver a tese de doutoramento de Vítor Neto, *O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal (1832-1911)*, Lisboa, IN-CM, 1998.

⁸² Além das edições já descritas bibliograficamente em notas anteriores, mencionamos aqui também as seguintes: *Monitoria secreta ou Instruções secretas dos Padres da Companhia de Jesus, Compostas pelo Padre Claudio Aquavivei da mesma Companhia*, Lisboa, Typ. do Panorama, 1859 (feita a partir da edição brasileira de 1827); *Monita secreta ou Instruções secretas dos Jesuítas*, trasladadas em vulgar da tradução franceza seguidas de peças justificativas, Lisboa, Imprensa Nacional, 1887 (edição feita a partir da edição de 1834).

antijesuítica. As Instruções eram publicitadas para advertir o público sobre as artimanhas do jesuitismo, para exigir medidas políticas contra os Jesuítas e denunciar os seus ínvios métodos de actuação, como aliás explicam abundantemente os preâmbulos e as notas justificativas que acompanham muitas das edições.

O recurso frequente por parte dos mitógrafos do jesuitismo a este também chamado Catecismo secreto dos Jesuítas fornecia uma contribuição importante para a construção do mito do complot jesuítico. Com a convocação das Monita se incutia de forma mais persuasiva a crença de que os jesuítas tinham verdadeiramente um plano para dominar universalmente os espíritos e as sociedades em nome do qual desenvolviam as mais diversas conspirações malevolentes.

Aqui é bem evidente um significativo paralelismo com aspectos típicos do mito do complot judaico, em que sobressai a divulgação de um código secreto de acção atribuído aos judeus pelos anti-semitas: os famigerados Protocolos dos Sábios de Sião⁸³. Este manual secreto atribuído ao grupo eversivo de origem judaica, pretendeu também denunciar, de forma temerária, o seu terrível plano de dominação universal em favor do qual premeditava a ruína das sociedade onde se instalavam. Em consonância com o que também Raoul Girardet analisou na sua obra dedicada aos *Mythes et mythologies politiques*⁸⁴, León Poliakov conclui que «Judeus e Jesuítas suscitaram as mesmas reacções, conduzindo ao nascimento de lendas semelhantes»⁸⁵. Com efeito, podemos considerar as Monita secreta e os Protocolos dos Sábios de Sião como os documentos mais emblemáticos da mitomania conspiracionista que atravessa a cultura europeia na

⁸³ Ver entre outras, a edição francesa intitulada *Protocols: procès-verbaux de réunion secrètes de sages d'Israel la conspiration juive contre les peuples*, Paris, Le Veille-France, 1920; ou, entre as várias edições portuguesas, ver esta: *Os protocolos dos Sábios de Sião*, Pref. Fernando Pereira, Porto, Propaganda, 1976. Os *Protocolos* reúnem um conjunto de 24 declarações programáticas, apresentadas como sendo da autoria de um grupo de sábios ou mentores do projecto do *complot* judaico. Estes denominados sábios de Sião davam assim as instruções de acção para a conquista do poder mundial pela sua raça, nomeadamente através da instrumentalização da educação para imbecilizar os povos e do investimento na força venial do dinheiro para realizar todas as extorsões possíveis e imaginárias. Curiosamente, o protocolo V refere-se à Companhia de Jesus, apresentando-a como a única organização que teria alguma possibilidade de fazer concorrência aos judeus, parecendo aderir à crença da visão poderosa dos Jesuítas que a tradição polémica antijesuítica transmitiu. Mas o referido protocolo tenta logo a seguir a esta consideração fazer passar a ideia de que foi este grupo eversivo hebraico que promoveu as campanhas propagandísticas para denegrir a imagem da Companhia de Jesus, dilucidando o público através de um jogo de *complot* e *contra-complot* em que os grupos eversivos concorrem conspirativamente entre si para atingir o mitificado poder supremo de direcção dos destinos do mundo: «A única sociedade que conhecemos que seria capaz de nos fazer concorrência nestas artes poderia ser a dos Jesuítas. Mas conseguimos desacreditar os Jesuítas aos olhos da plebe estúpida pela razão de ser esta sociedade uma organização bem à vista, enquanto nós nos mantemos por detrás das cortinas, guardando o segredo». *Protocolos*, V.

⁸⁴ Cf. Raoul Girardet, *Mythes et Mythologies Politiques*, Paris, Seuil, 1986, p. 36 e ss.

⁸⁵ León Poliakov, *La causalité diabolique. Essai sur l'origine des persécutions*, Paris, Calmann-Lévy, 1980, p. 61.

modernidade. Na gigantesca dimensão da figuração lendária, são comparáveis à imagerie mítica elaborada em torno do grupo étnico dos Judeus com aquela que se construiu em redor do sector institucional católico compreendido pelos Jesuítas.

A teoria complotística que estrutura o mito jesuíta intrinsecamente tem na base a ideia de que os dinamismos sociais negativos, decadentistas, obedecem a uma acção voluntarista de um grupo de eversão ou de conspiração, e como tal resultam de uma intencionilidade directiva que lhe está na origem, de acordo com o que estabelece Karl Popper: «il suffirait, pour expliquer un phénomène social, de découvrir ceux qui ont intérêt à ce qu'il se produise. Elle part de l'idée erronée que tout ce qui se passe dans une société, guerre, chômage, pénurie, pauvreté, etc., résulte directement des desseins d'individus ou de groupes puissants (...) c'est, sous sa forme moderne, la sécularisation de superstitions religieuses.»⁸⁶

Como aconteceu com as *Monita secreta*, atribuídas à autoria dos Jesuítas, também os Protocolos dos Sábios de Sião foram falsamente dados em autoria a um grupo ambicioso de judeus que ardia em desejo de domínio universal. Acabou por saber-se que o panfleto antijudeu foi publicado na Rússia pela Okhrana, a polícia czarista⁸⁷. Curiosamente, um dos mais veementes denunciadores do forjamento dos Protocolos e da sua instrumentalização propagandística pelo movimento anti-semita foi o jesuíta Pierre Charles, professor da Universidade de Lovaina. Este teólogo operou a desconstrução do conteúdo deste documento, indignando-se com esta maquinação complotística contra a raça hebraica:

«A opinião pública se fez aliada de um polícia russo anónimo, a quem fora ordenado caluniar, e da maneira mais sórdida, o 'imundo Judeu' (...). Desejariam talvez voltar aos excelentes costumes de antigamente e restabelecer, com a rodela amarela e as grades dos guetos, a perseguição crónica e o 'colafizamento' da Sexta-Feira Santa? Pois tudo isto é da história e dantes a multidão orgulhava-se celebrando estas violências como proezas (...). Sentimo-nos um pouco humilhados ao verificar que uma falsificação, um plágio tão gigantesco, tão barroco e tão ridículo como os Protocolos, que é obra precoce, má e estúpida de um vulgar beleguim da Okhrana (...) tenha podido passar, aos olhos de ocidentais sérios e de homens de letras, por uma sábia conspiração, um plano satânico e genial de destruição das sociedades (...). É matéria para melancólicas reflexões».

⁸⁶ Karl Popper, *La Société ouvert et ses ennemis*, Tomo II, Paris, 1979, pp. 67-68.

⁸⁷ Cf. Jean Lacouture, *Os Jesuítas. 2. O Regresso*, Lisboa, Referência/Editorial Estampa, 1993, p. 97 e ss.

E que avaliação não faria este jesuíta em relação à falsificação tão contudente e vexante que o mito do complot jesuíta encerra e do qual as *Monita secreta* são um dos seus maiores símbolos? Ele explica de uma forma interessante que este tipo de efabulação complotística é o transbordar periódico da taça de ódio, ódios que constituem o tesouro que «o homem mais ferozmente guarda»⁸⁸, subvertendo toda a lógica racional que tanto preza.

As Instruções secretas dos Jesuítas, são publicadas primeiramente na segunda década de seiscentos, em sintonia com o escopo do que já tinha sido empreendido pelo Catecismo dos Jesuítas de Pasquier no dealbar daquele século⁸⁹, que também pretendeu fornecer uma visão fantástica de grande impacto na opinião pública das estratégias de expansão e sucesso dos Jesuítas⁹⁰. Isto de modo a propor aos destinatários uma outra explicação do triunfo da Ordem de Santo Inácio no quadro da Cristandade, muito diferente da explicação piedosa e edificante da assistência do Espírito Santo e da entrega denodada e heróica dos jesuítas à causa da missão e do ensino, fornecida pela Companhia de Jesus na sua epistolografia e historiografia edificante que publicava.

As Instruções secretas dos Jesuítas não eram apresentadas como um manual de instrução sigilosa destinado ao conhecimento de todos os Jesuítas, mas tão só eram apresentadas como pertença de alguns deles. Seriam pertença apenas de um grupo restrito constituído pelos superiores ou outros religiosos que tivessem atingido um estágio de iniciação considerável dentro da Ordem que os fizesse capazes da confiança de lhes ser comunicado o conteúdo poderoso destas orientações.

As *Monita secreta* são assim um verdadeiro libelo que utiliza a falsificação⁹¹

⁸⁸ Citado por Maurice Olender, “La Chasse aux évidences”, in *Mélanges Léon Poliakov*, Paris, Le Seuil, p. 226, e ver a p. 236.

⁸⁹ ***O Catecismo dos Jesuítas publicado em 1602 é, com efeito, a primeira grande obra fundadora do mito jesuíta em termos internacionais, fazendo de Étienne Pasquier um dos maiores algozes dos Padres da Companhia de toda a história do antijesuitismo. Este Catecismo divulgado primeiramente em França, veio depois sobrepujar as suas fronteiras, sendo traduzido em sete línguas, internacionalizando assim o leque largo de razões pelas quais os Jesuítas deveriam ser detestados e perseguidos.***

⁹⁰ Uma certa tradição antijesuítica atribuiu, como vimos, a autoria destas Instruções Secretas ao 4º Geral da Companhia de Jesus, Cláudio Aquaviva, que se tinha destacado pela sua acção reformadora e impulsionadora da sua Ordem.

⁹¹ A tradição da falsificação tem uma longa, interessante e significativa história na cultura ocidental. As *Monita Secreta* dos Jesuítas é sem dúvida uma dessas interessantes falsificações de impacto mais duradouro. Como perscruta Caro Baroja, no seu estudo sobre as falsificação na época moderna em Espanha, há casos «em que se falsifica para demonstrar a verdade de uma tese que se defende com entusiasmo». Nesta tipologia das motivações dos falsificadores estabelecida por Baroja se insere certamente um dos principais motivos do autor das Instruções Secretas dos Jesuítas. Júlio Caro Baroja, *Las falsificaciones de la Historia (en relación con la España)*, Barcelona, Seix Baral, 1992, p. 17. Ver também Marc Ferro, *Falsificações da História*, Mem Martins, Pub. Europa-América, 1981.

como meio de persuasão para demolir a fama e prestígio granjeado pelos Padres de Santo Inácio. Estas instruções acabaram por tornar-se, dada a sua larga divulgação internacional através de inúmeras edições sucessivas em várias línguas, um símbolo e uma referência inspiracional da propaganda antijesuítica. Merecem por isso o estatuto de catecismo universal do antijesuitismo que foi usado como manual de formação e como arma profilática para instruir e infundir nos destinatários convicções antijesuíticas e imunizá-los contra essa tão efabulizada ameaça que eram as maquinações dos Jesuítas.

No fundo, o libelista pretende construir uma imagem do labor dos Padres Jesuítas pela inversão dos princípios evangélicos proclamados nas suas Constituições oficiais e pela quais eles diziam reger-se. Contrapondo o dizer e o fazer dos Padres, o autor tenta mostrar que as *Monita* são as verdadeiras constituições que regem a actuação dos religiosos da Companhia de Jesus, sendo as Constituições oficiais e visíveis não mais do que letra morta, dadas a público para camuflar o seu secreto regimento. Esses princípios crípticos pelos quais se regeria verdadeiramente a Companhia seriam princípios anticristãos, de feição astuciosa e demoníaca. A hipocrisia, o disfarce, as maquinações ardilosas, as mentiras, o roubo suave, a luxúria, a ganância e a ambição desmedidas seriam os verdadeiros motores da acção dos Jesuítas. As Instruções Secretas são assim elaboradas de modo a demonstrar que os Padres da Companhia tudo faziam em nome de um interesse solipsista, de um paroxístico egoísmo pessoal e institucional, nada sendo feito abnegadamente em favor do bem social e da comunidade eclesial mais vasta.

Para ilustração analítica, podemos convocar alguns extractos deste libelo pelo qual muitos antijesuítas se guiaram para se prevenirem e vituperarem a fantástica ameaça do jesuíta. Sobre o alegado baixo interesse que preside à sócio-caridade dos Jesuítas, as *Monita* expõem-no como uma estratégia astuta de granjear simpatia popular e de moldar uma opinião pública favorável à presença e acção desta Ordem. Esta instrução fundamental é logo definida no primeiro capítulo: «Dar-se-á esmola aos pobres a fim de que façam bom conceito da Companhia os que ainda a não conhecem e que sejam muito generosos para connosco»⁹².

Logo a seguir apresenta as estratégias para esconder ao olhar gerais a grande riqueza que a Ordem detém, a fim de fazer passar uma imagem de pobreza e necessidade: «Ao princípio os nossos devem evitar a compra de propriedades; se,

⁹² *Monita secreta*, I, 3. As citações são feitas a partir do texto latino editado em 1834.

porém, o julgarem necessário, comprem-nas em nome de amigos fiéis, que apenas emprestem o nome e que guardem segredo (...). Que só o provincial, em cada província, saiba a quanto ascendem os nossos haveres; mas a quantia existente no tesouro da Companhia em Roma, seja um mistério sagrado»⁹³.

Um outro aspecto programático estabelecido como estratégia de acção para afirmação da Companhia de Jesus, que é muito evidenciado pelas Monita, tem a ver com um mitologema muito propalado pelo antijesuitismo. Trata-se da sua metodologia de actuação para conquista do poder. Este deveria ser alcançado de forma progressiva e insensível aos olhos dos externos, isto é, daqueles que não fazem parte da Ordem. Esta ascensão na escala da influência social deveria ser feita essencialmente pela cativação da simpatia, da admiração e da conseqüente benignidade e favor dos poderosos: «Devemos fazer os maiores esforços para captar o ânimo e a simpatia dos príncipes e das pessoas mais importantes, a fim de que ninguém se levante contra nós; mas, antes pelo contrário, todos de nós dependam»⁹⁴. Assim se fundava a imagem típica do mito de complot em que toda a sociedade, mormente as suas cúpulas directivas, estaria subjugada pelo cérebro-motor dos Jesuítas.

Encarecendo a estratégica decisiva do domínio dos espíritos dos homens que detêm o poder na sociedade e na Igreja, as Monita definem a estratégia de conquista dessa ascendência absoluta sobre eles, usando como meio a pesquisa, a exploração dos pontos fracos da psicologia dos poderosos e prometendo a satisfação das suas expectativas e necessidades do foro religioso ou espiritual: «Como a experiência nos ensina que os príncipes e os grandes senhores são particularmente afeiçoados aos eclesiásticos, quando estes dissimulam as suas acções odiosas e as interpretam favoravelmente, (...) deve-se encorajar aqueles que as fazem, levando-os a esperar conseguir facilmente, pela intercessão dos nossos, dispensas do papa (...), sob pretexto do bem comum e da maior glória de Deus, sendo este o fim da Companhia»⁹⁵. É associada ao *modus procedendi* dos Jesuítas todo o tipo de venalidade sem qualquer restrição de consciência ou escrúpulo, até a própria venda de bens espirituais e eclesiásticos.

Sendo o alvo fundamental os que estão à cabeça das nações e de pequenos e grandes povos, a que as Monita chamam em geral príncipes, estas Instruções não

⁹³ *Ibid.*, 5 e 8.

⁹⁴ *Ibid.*, II, 1.

⁹⁵ *Ibid.*, 2.

esquecem de lembrar que o objectivo da captação de simpatias deve ser total, isto é, não esquecendo aqueles que rodeiam os príncipes. Por isso, não descarta a importância estratégica dos seus criados, servidores, conselheiros e amigos de todo o calibre, os quais, se forem devidamente cativados pelos Jesuítas, poderão desempenhar uma função inestimável. Serão instrumentalizados para dar aos seus amos boas informações e impressões dos Padres da Companhia de Jesus. Eis a estratégia: «Deve-se sobretudo subornar os favorecidos dos príncipes e os seus criados com pequenos mimos e com diferentes serviços de piedade, para que eles fielmente informem os nossos da disposição e da propensão dos príncipes e dos grandes»⁹⁶.

Não descurem, neste plano holístico de atingir toda a gente, o papel decisivo das mulheres, entendido como o sexo mais propenso a ser vitimado pelo jesuitismo, em razão da sua extraordinária susceptibilidade e atracção psicológica para o universo religioso, bem como a sua capacidade de influência, de revelar segredos e de abrir portas que dão acesso a ambientes mais íntimos, de outro modo inacessíveis. Na sua elaboração de uma psicologia maligna da conquista do poder, as *Monita secreta* apresentam o universo feminino como uma conquista fundamental que importa fidelizar para tornar plenamente eficaz e conservar perenemente a influência dos Jesuítas: «Facilmente se pode captar a benevolência das princesas através das suas criadas de quarto; e por este motivo deve conservar-se a sua amizade, porque desta maneira se obtém a entrada em toda a parte, e mesmo nas coisas mais secretas da família»⁹⁷.

O capítulo quinto destas Instruções é dedicado a instruir sobre o relacionamento a observar com os outros religiosos e eclesiásticos em geral e sobre o cuidado a ter com eles. Os padres seculares e frades de outras ordens religiosas são vistos de forma suspicaz como concorrentes perigosos. A sua influência deverá ser aniquilada e ultrapassada sub-repticiamente pelos jesuítas com a máxima cautela e subtileza, de forma a que sejam apenas os da Companhia os únicos a comandar os destinos da sociedade e da Igreja: «Deve-se suportar com coragem esta casta de pessoas, e a propósito dar a conhecer aos príncipes e àqueles que têm algum poder, e, de algum modo, nos são afectos, que a Companhia encerra a perfeição de todas as Ordens (...). Indaguem-se e anatem-se os defeitos dos outros religiosos, e depois de os terem descoberto e publicado com prudência, deplorando-os aos nossos féis amigos, se mostre

⁹⁶ *Ibid.*, 5.

⁹⁷ *Ibid.*, 7.

que eles não desempenham com tanto sucesso as funções que em comum nós exercemos com eles»⁹⁸.

Dada metodologia de desprestigiar e esmagar os concorrentes, as Monita passam à explicação do processo fundamental de captação de riquezas, a partir do capítulo VI que se intitula sugestivamente: «De que modo a Companhia poderá conquistar o afecto das viúvas ricas»: «Para isto se escolham padres de idade avançada (...); que visitem essas viúvas e (...) que procurem provê-las de um confessor por quem sejam bem dirigidas, a fim de mantê-las no estado de viuvez (...), afiançando-lhes mesmo, que deste modo elas obterão um mérito eterno, sendo este o meio mais eficaz para evitar as penas do purgatório (...). Deve ser-lhes concedido, com moderação e sem escândalo, o que peçam para satisfazer a sua sensualidade (...). Que lhes seja concedido dar-se e divertir-se com quem mais lhes agradar (...). Que estas viúvas (...) não visitem, sob que pretexto for, outros religiosos»⁹⁹. Tudo isto para realizar o ponto programático já definido logo no parágrafo 7 do I capítulo: «Às velhas viúvas há que encarecer-lhes a nossa extrema pobreza para lhes extorquir quanto dinheiro se possa»¹⁰⁰. Estamos perante um tema muito explorado pelo mito de complot, a instrumentalização da mulher no seu estado mais desprotegido e sensível ao monopólio dos artífices mais hábeis do logro.

O libelista vai mais longe, apresentando uma outra estratégia mais astuta para garantir que as heranças das viúvas sejam transmitidas indefectivelmente à Ordem de Loyola. Esta estratégia consiste em seduzir os seus filhos a enveredarem pela vida religiosa, evitando, por este meio, que as suas heranças tenham outro destino que não seja a Companhia de Jesus¹⁰¹.

Mas os Jesuítas são apresentados nas Monita secreta não só como mestres em manobrar as fragilidades humanas, mas também como verdadeiros abutres que sabem tirar proveito das desgraças, nomeadamente das situações de doenças terminais, em favor da sua Ordem. Este é um dos modos «de aumentar os rendimentos dos colégios» apresentados no capítulo IX: «Devem os confessores visitar com assiduidade os doentes, principalmente aqueles que se encontrem em perigo (...). Deve-se-lhes inculcir o

⁹⁸ *Ibid.*, V, 1 e 2.

⁹⁹ *Ibid.*, VI e VII.

¹⁰⁰ *Ibid.*, I, 7.

¹⁰¹ Cf. *ibid.*, VIII.

medo do Inferno (...), tornando-lhes presente que, assim como a água apaga o fogo, do mesmo modo a esmola extingue o pecado»¹⁰².

Finalmente, no último capítulo (acrescentado posteriormente à versão originária como vimos), de forma mais impiedosa ainda, o autor das *Monita secreta* faz dos religiosos da Companhia instigadores de guerras entre os vários estados, a fim de que por este meio a sua Ordem seja respeitada e temida. Este é um dos meios de último recurso mais poderosos para «fazer prosperar a Companhia»: «Se não houver esperança de se conseguir isto sem que ocorram escândalos, deve-se mudar de política conforme os tempos e incitar todos os príncipes amigos dos nossos a fazerem mutuamente guerra sem tréguas, a fim de que em toda a parte se implore o auxílio da Companhia e o empreguem na reconciliação pública com o motivo do bem comum, para que ela seja remunerada com os principais benefícios e dignidades eclesiásticas (...). Por fim, a Companhia, tentará ser ao menos temida por aqueles que a não amam»¹⁰³.

Estas páginas deste Catecismo secreto dos Jesuítas são encerradas com a plena e extrema realização do aforismo maquiavélico de não olhar a quaisquer meios para atingir os fins. Fins que se resumem, em última análise, na afirmação solipsista e no domínio total do poder da *Societas Iesu* sobre o mundo, em nome de um egoísmo institucional sem limites. Oferece-se aqui uma espécie de manual forjado para confirmar a teoria do complot jesuíta que se vinha esboçando nas várias diatribes e peças propagandísticas compendiadas contra a Companhia de Jesus. Propaganda antijesuítica que em Portugal conheceu uma das mais intensivas e obsidianas derivas de elaboração mítica, em especial a partir do governo do Marquês de Pombal¹⁰⁴.

Em síntese, às *Monita secreta* subjaz a imagem antijesuítica alimentada pelas campanhas que pululavam contra os Jesuítas e o Jesuitismo, de que a Ordem de Santo Inácio de Loyola era governada por um pequeno número de religiosos, à maneira dos ‘Sábios de Sião’, ligados entre si por iniciáticos e secretos juramentos religiosos. Este pequeno grupo conspirava para obter para a sua Ordem o domínio universal da humanidade. Duas asserções apotegmáticas podem sintetizar o sentido e o objectivo destas Instruções sempre em vista do alcance do objectivo nuclear atrás definido: 1) em favor do bem temporal da Ordem de Loyola tudo deveria ser sacrificado: os homens, a moral, e a própria teologia e o seu mais alto inspirador: Deus; 2) todos os meios eram

¹⁰² *Ibid.*, IX, 15.

¹⁰³ *Ibid.*, XVIII, 8 e 9.

¹⁰⁴ Cf. José Eduardo Franco & Bruno Cardoso Reis, *op. cit.*, , passim.

licitados em sintonia com a doutrina maquiavélica de conquista e conservação do poder, para atingir o grande fim de aniquilação de todos os poderes legítimos para, sobre as suas ruínas, impor o domínio da Societas Jesu, subjugando a humanidade pelo vínculo terrível e embrutecedor da obediência cega, perinde ac cadaver.

3.1. Funcionalidades Propagandísticas

As Monita davam aos activistas e mentores do antijesuitismo como que um meio de formação e de demonstração aos seus correligionários e simpatizantes para inculcar a crença de que a conspiração jesuítica em todos os sectores da sociedade humana era real e não imaginária. Por ocasião da restauração do regime liberal contra o neo-absolutismo miguelista e da conseqüente segunda expulsão dos Jesuítas de Portugal veio a lume, pelo labor de José Francisco Braancamp de Almeida Castelbranco, a segunda edição das Monita traduzidas em língua portuguesa. No «Discurso preliminar», o tradutor e editor afirma claramente que o objectivo desta nova publicação é ajudar a tomar consciência da existência velada de uma conspiração jesuítica e contribuir para inculcar a urgência de erradicá-la do seio da sociedade portuguesa: «Mas para que o governo afaste de seu seio uma Sociedade secreta, que, com a máscara religiosa, rege a sinceridade dos fiéis, e por suas manobras, provoca a pública vingança; lancemos mãos das armas da palavra e da imprensa, e finalmente levantemo-nos contra os Jesuítas a favor da Religião»¹⁰⁵.

Dadas como sendo da autoria dos mesmos jesuítas, estas Instruções Secretas eram tomadas como as verdadeiras Constituições por que os «Reverendos Padres» se guiavam¹⁰⁶. Mas à medida que se caminhava para o fim da vigência do regime monárquico-constitucional no país, as Monita foram cada vez mais apropriadas pelo movimento laicista, anticlerical e anticatólico. Já não são apenas os Jesuítas enquanto

¹⁰⁵ *Monita Secreta ou Instruções Secretas dos Jesuítas*. Traduzidas em vulgar da tradução francesa com o texto latino ao lado, seguida de peças justificativas, Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1834, p. 15. N.B.: Fizemos a actualização ortográfica dos textos consignados em português antigo.

¹⁰⁶ Vários livros, opúsculos e artigos de teor antijesuítico pretenderam denunciar a presença das *Monita Secreta* por detrás da acção dos Jesuítas e da sua acção nefastamente figurada. Podemos referir aqui o exemplo interessante do libelo de N. Branco que em plena segunda metade do século XIX tenta explicar a nova expansão da Companhia de Jesus em Portugal à luz da pura aplicação dos princípios das suas Instruções Secretas. Cf. N. Branco, *Os Segredos dos Jesuítas em Portugal*, Coimbra, Imprensa Académica, 1888. Disto também são bem ilustrativas as obras do publicista antijesuítico Manuel Borges Grainha, entre as quais podemos lembrar as seguintes: *Os Jesuítas e as Congregações Religiosas em Portugal, nos últimos trinta annos*, Porto, Typ. da Empreza Litteraria e Typographica, 1891; e *O Portugal jesuítico*, Lisboa, Typ. Moderna, 1893. Isto sem da presença das *Monita secreta* como documento fundamentante em importantes autores antijesuíticos como Teófilo Braga, Miguel Bombarda, José Caldas, etc. Cf. João Francisco Marques, «No bicentenário da morte do Pe. António Vieira: o juízo positivista de Teófilo Braga», in *Terceiro Centenário da morte do Padre António Vieira. Congresso Internacional*, Vol. III, Braga, UCP-PPCJ, 1999, pp. 1985-1917.

instituição que são visados, mas passa a ser o jesuitismo e a sua moral, que na óptica destes propagandistas laicos teria tomado conta de todas as ordens e até da própria Igreja, e produzido, em aliança pérfida, os crimes mais abomináveis.

Este objectivo programático é, deste modo, salientado na introdução à edição portuguesa das *Monita secreta* pelo editor da Propaganda Liberal, trazidas a lume num dos momentos de exacerbamento do antijesuitismo em Portugal, isto é, no reacender da questão congreganista em 1901:

(...) a presente publicação visa exclusivamente vulgarizar os princípios e a moral dos Jesuítas. Longe de ser um trabalho inspirado pelo lucro ou pela ganância, este opúsculo de propaganda liberal deve ser lido por todos quantos odeiam a hipocrisia e a perversidade, o erro e a mentira – as quatro armas de que os falsos apóstolos de Cristo se servem para a realização das suas ideias tenebrosas, nefastas e imorais. O povo, a quem especialmente é dedicada esta nova edição das *Monita secreta*, tem aqui a maior e melhor justificação do seu ódio aos revoltantes abutres da seita negra que sob o patrocínio do alto clero e da aristocracia faz vítimas como Sara de Matos em Lisboa, Rosa Calmon no Porto e Ana da Costa em Aldegavinha¹⁰⁷.

E depois desta rememoração das pretensas vítimas do jesuitismo em Portugal, de que as *Monita* foram o catecismo por onde os ditos criminosos se instruíram, apresenta o documento divulgado como um meio de prevenção e de defesa do povo, e ainda como o melhor meio de difusão generalizada do sentimento antijesuítico. Este esforço de inculcação propagandística é dado como um dos maiores serviços à causa da liberdade: «O precioso documento que hoje se apresenta ao público constitui mesmo o mais forte elemento da propaganda contra o jesuitismo, pois que sendo obra dele (...), é também um aviso eloquente e insuspeitíssimo a todos os que ainda não se convenceram de que a causa da liberdade é a causa do Bem e da Justiça, da Verdade e da Honra, da Pátria e do Futuro»¹⁰⁸. Cinde-se de uma forma maniqueísta e irreconciliável os campos, a índole e a missão do jesuitismo versus a do antijesuitismo: a luz contra as trevas, a liberdade contra a escravidão.

¹⁰⁷ *Monita Secreta (Instruções Secretas dos Jesuítas)*, Lisboa, Propaganda Liberal, 1901, p. 7. Geralmente as edições das *Monita Secreta* em Portugal davam o lucro da edição para instituições de educação e beneficência de modo a credibilizar esta propaganda e acentuar o desinteresse financeiro de uma publicação tão bombástica e tornar mais eficaz a sua função denunciadora. Esta estratégia é orquestrada com o fim capitalizar o poder persuasivo do documento com a manifestação clara da boa fé dos seus editores. Neste sentido, a edição de 1901 informava na página que «o produto líquido da venda deste opúsculo reverte a favor da Escola Gratuita de 31 de Janeiro, Rua do Socorro, 44, 2º, Lisboa».

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 7-8.

Deste modo, as Monita secreta são apresentadas como a declaração autêntica da razão das campanhas antijesuíticas, sendo neste sentido vistas como o catecismo essencial do antijesuitismo português, porque o era também do antijesuitismo universal, que teimava em acreditá-lo e em o fazer acreditar como documento autêntico. Pretendia, assim, dar-se a prova cabal, a revelação fabulosa desta espécie de religião demonizada que era o jesuitismo. Os mentores do antijesuitismo apresentavam-se com a necessária e urgente missão de desmacarar os «falsos apóstolos» da «falsa religião» para instaurar a «religião nova» da «liberdade» de que os liberais e republicanos se consideravam o novos profetas e sacerdotes¹⁰⁹.

E mesmo quando os autores antipatizantes da Companhia de Jesus davam razão à crítica histórica de que as Monita eram um documento forjado para efeitos polémicos, consideravam que o espírito que guiava a acção dos Jesuítas estava bem espelhado nestas instruções elaboradas pelo ex-jesuíta polaco. Bem representativo deste juízo é a avaliação feita a este documento pelo antijesuíta militante, Lino d'Assumpção naquela que podemos classificar como a mais acabada anti-história da Companhia de Jesus elaborada no período do liberalismo português. Reconhecendo a contrafacção das Monita, aproveita para atacar, mesmo assim, a Ordem de Loyola, redarguindo que «os jesuítas com arte e manha tiravam partido 'da calúnia' de que se diziam vítimas». E completa esta denúncia do aproveitamento defensivo dos 'Padres Negros' para exprimir a sua crença de que, certamente, os ditos religiosos possuem umas terríveis instruções secretas por que se guiam, mas que nunca ninguém viu à luz do dia, acentuando assim ainda mais a sua mitificação complotística:

Estas supostas instruções, que eles podem desmentir à face do céu e da terra, permitiam-lhes dissimular as suas principais instruções secretas; e ainda que alguns fragmentos autênticos delas servissem de trama ao pastiche de Zohorawski, negaram a obra no seu conjunto, com certa verosimilhança. Apesar, contudo, destas categóricas negações, ou antes pelo que elas têm de absoluto, portanto de contraditório, é de crer que existe no seio da Companhia uma legislação oculta e tradições secretas. Legislação e tradições que nunca foram submetidas no seu conjunto ao exame e aprovação dos sumos pontífices, e que, salvo os iniciados nos graus superiores, os membros da

¹⁰⁹ Sobre esta problemática ver o estudo de Fernando Catroga, «O livre-pensamento contra a Igreja. A evolução do anticlericalismo em Portugal (séculos XIX-XX)», in *Revista de História das Ideias*, Vol. 22, 2001, pp. 255-355.

Companhia ignoram na maior parte, ainda que regidos e governados por elas¹¹⁰

Com efeito, o desconhecido, o insondável, aquilo que se dá como imprescrutável e incognoscível suscita o engendramento de mitos colossais, muito mais do que aquilo que se pode descerrar à luz do dia. Aquilo que se pretende supor que existe, mas que também supostamente não se pode conhecer nem comprovar, é passível de ser objecto das mais temerárias elucubrações conspiracionistas. Por isso é que neste domínio estrito da exploração do imaginário colectivo para efeito propagandísticos e ideológicos, como escreve Umberto Eco, «reflectir sobre as relações complexas entre leitor e história, entre ficção e realidade, constitui uma forma de terapia contra todo o sono da razão que engendra monstros»¹¹¹.

4. As *Monita Secreta* na Construção do Mito Jesuíta

O aparecimento e divulgação intensiva das Instruções Secretas dos Jesuítas só podem ser devidamente compreendidos no quadro da formação daquilo que podemos chamar o mito do complot jesuíta em Portugal e na Europa.

Stefan Gatzhamer assevera de forma significativa no seu estudo sobre o Antijesuitismo europeu que "o antijesuitismo não conhece fronteiras"¹¹². Com efeito, o fenómeno do antijesuitismo, de que a jesuitofobia ou jesuitomania é a sua expressão delirante mais extrema, é um fenómeno originário, além de poder ser registado como quase permanente e quase universal nos primeiros quatrocentos anos de história da Companhia de Jesus. Pois além do antijesuitismo remontar à génese da própria Companhia de Jesus, enquanto instituição aprovada pelo Papa Paulo III em 1540, ele acompanha fielmente a afirmação desta ordem religiosa nos diferentes espaços nacionais, suscitando tanto o filojesuitismo mais fiel como o antijesuitismo mais hostil.

Mas numa análise mais cirúrgica, há que ter em conta que o antijesuitismo, quer a nível nacional, quer a nível internacional, é um fenómeno uterino, pois nasceu no âmbito do processo de formação e de implantação da Companhia de Jesus. Por isso, ele é um fenómeno originário que surge no seio da própria Igreja. Mais remotamente, o antijesuitismo engendra-se no decurso das polémicas em torno do questionamento da ortodoxia doutrinal do fundador desta ordem, Inácio de Loyola. Portanto, o

¹¹⁰ T. Lino d'Assumpção (coord.), *História Geral dos Jesuítas, desde a Fundação até aos nossos dias*, Lisboa, Empreza da História de Portugal, 1901, p. 82.

¹¹¹ Umberto Eco, *Six promenades dans les bois du romain et d'ailleurs*, Paris, 1994, p. 150.

¹¹² Stefan Gatzhamer, "Antijesuitismo europeu", in *Lusitana Sacra*, 2ª Série, 1993, Tomo V, p. 159.

antijesuitismo foi, em primeiro lugar, um anti-iniguismo (entenda-se ataques contra Inigo de Loyola, grafia basca de Inácio). A que sucede imediatamente as controvérsias em torno da natureza e identidade do instituto regular dos Jesuítas enquanto Ordem religiosa aprovada pela Santa Sé. Nesta fase genésica do movimento antijesuítico, as polémicas resultam de um exacerbamento do clericalismo e do congreganismo em relação a esta organização estranha, porque nova, e com características que se distanciavam, em alguns aspectos, dos parâmetros clássicos típicos das Ordens Religiosas católicas; e além disto, esta instituição peculiar afirma-se com um extraordinário dinamismo concorrencial. O capital crítico que a Companhia de Jesus representou para a renovação do monaquismo e para vida cristã tradicionais carentes de reforma, bem como os terrenos de influência e os privilégios conquistados pela nova ordem em detrimento das antigas ordens instaladas nas suas regalias não poderiam deixar de causar reacções contundentes.

Nos primeiros dois séculos de existência da Companhia de Jesus em Portugal, o antijesuitismo acompanha permanentemente a acção dos religiosos inicianos nos diferentes cenários em que se instalam. Na metrópole, o antijesuitismo manifesta-se nas disputas, nos debates e nas polémicas ocorridas em torno do poder, da riqueza e do expansionismo educativo dos Jesuítas. No Oriente e na África, o antijesuitismo desenvolve-se especialmente nas controvérsias sobre as metodologias missionárias, sobre a prática comercial dos Jesuítas e em torno das disputas de territórios de missão e de influência. No Brasil, o antijesuitismo ganha uma importante visibilidade e até uma dimensão violenta no decurso dos inúmeros conflitos com os colonos por causa da dilemática questão da escravatura dos índios e das aldeias missionárias sob administração jesuítica.

A figura lendária dos Jesuítas e do Jesuitismo tornou-se um dos mais fabulosos e mais significativos mitos congeminados na história da cultura portuguesa, congénere do mito internacional da Companhia de Jesus. Produzido pela militância propagandística do movimento antijesuítico, a génese deste processo de mitificação dos Jesuítas surge no seio da própria Igreja. Os mentores e activistas do combate contra os religiosos da Companhia foram primeiramente eclesiásticos. Com o evoluir da história desta Ordem, o legado antijesuítico primigénio foi sendo apropriado por outros sectores menos comprometidos com a Igreja hierárquica. No período do iluminismo, a tradição antijesuítica foi gerida e desenvolvida empenhadamente pelos adversários regalistas da supremacia do poder papal; para, depois, no tempo do liberalismo e do republicanismo

emergente de oitocentos, o antijesuitismo ser herdado e recriado pelas elites culturais nacionalistas de filiação laica e anticlerical, e pelos mais acerbos intelectuais anticatólicos.

Embora se deva inscrever as raízes da produção crítica à ordem inaciana nos alvares da implementação e afirmação desta em terras lusitanas, é com o Marquês de Pombal que o mito se estrutura doutrinariamente de forma sistemática no nosso país. Pombal dá forma teórica acabada ao mito dos Jesuítas, imprimindo-lhe a eficácia que as críticas esparsas e circunstanciais feitas aos Jesuítas careciam. Careciam de um edifício argumentativo sólido e univalente, de uma doutrina, de uma caracterização e sistematização global que lhe desse nome, forma, meios e, por fim, um efeito mobilizador¹¹³. Isto foi realizado pelos ‘manuais’ de propaganda antijesuítica pombalina (maxime pela *Relação Abreviada*, pela *Dedução Cronológica e Analítica* e pelo *Compêndio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra*) que conduziu à expulsão dos Padres da Companhia de Jesus de Portugal, em 1759, e à extinção internacional desta Ordem pelo Papa Clemente XIV, em 1773.

O mito dos Jesuítas começa por ganhar consistência quando passa do boato, da calúnia, da suspeita oralizante à forma sistematizada pela linguagem escrita; em suma, quando se consuma literariamente com coerência doutrinária. Pombal, o grande fundador do mito em Portugal, dá-lhe, com efeito, uma vasta e prolixa forma literária e conteúdo doutrinário. Escreve, promove, supervisiona e patrocina a produção de obras, de panfletos, de libelos, leis e iconografia contra os Jesuítas. Estes documentos constituem aquilo que se pode denominar de uma forma geral de literatura antijesuítica pombalina. É esta que estabelece o mito nos seus contornos essenciais e globais. Forma também o protótipo do mito do complot jesuítico que vai inspirar toda a posteridade antijesuítica portuguesa de forma indelével. As Monita secreta que circulavam no país de forma manuscrita também estão presentes como matéria-prima inspirativa deste processo de mitificação.

A doutrina antijesuítica é desenvolvida numa das obras arquetípicas que encerram e estabelecem a lenda negra dos Jesuítas portugueses, e que se apresenta como um condensado global de toda a literatura antijesuítica pombalina. Aquela que foi considerada a opus monumentale, "a obra porventura a mais importante de quantas se

¹¹³ José Eduardo Franco, «Fundação pombalina do mito da Companhia de Jesus», in *Revista de História das Ideias*, Vol. 22, Coimbra, 2001, pp. 209-253.

têm publicado contra os Jesuítas"¹¹⁴ é certamente a bíblia do antijesuitismo português. Trata-se da Dedução Cronológica e Analítica. Esta obra é atravessada por uma ideia-chave, uma tese orientadora que a estrutura, tese univalente que pretende oferecer uma explicação global para a decadência e para a situação de marginalidade em relação à Europa dita cultura que teria marcado os últimos séculos de história portuguesa, por contraste da situação presente que renasce pelas Luzes imprimidas pela acção benéfica do despotismo iluminado. A tese é simples: até ao momento em que a Companhia de Jesus se estabeleceu em Portugal, no ano de 1540, o país gozava de uma florescente idade de ouro, de uma era de prosperidade e de glórias que conferiram ao reino um largo prestígio internacional. A partir do momento em que a Companhia começou a se implementar, a se expandir e automaticamente a inocular a sua nefasta influência, teve início um período de uma progressiva decadência que instalou em Portugal uma idade de ferro, um tempo de trevas, de ignorância e de fanatismo. O reino ficou cadaveroso, sofrendo um vergonhoso retrocesso que o rebaixou em termos de prestígio frente à Europa que ao invés se tornou cada vez mais culta e mais iluminada. Esta discrepância vergonhosa teria atingido o seu ponto culminante no início do reinado de D. José I, época em que os "perniciosos regulares" foram expulsos, permitindo a Portugal regenerar-se e reabilitar-se do quebrantamento extremo a que foi sujeito pela máquina de intriga e de sujeição da Companhia de Jesus¹¹⁵.

Neste processo de efabulação literária, regista-se uma inter-influência de dados, de opiniões, de pareceres, de livros, de histórias, de casos, proporcionada pela história escrita do antijesuitismo internacional. Traduz-se obras para português a fim de dar razão e apoiar o programa de escrita antijesuítica pombalino. Mas mais do que isso Sebastião José de Carvalho e Melo tem a preocupação de investir grandemente na internacionalização da imagiologia que ele mesmo constrói em Portugal dos Jesuítas e da avaliação da sua acção histórico-cultural, política, educativa, religiosa, etc. Para o

¹¹⁴ Augustin Theiner, *Geschichte des Pontificats Clemens' XIV. nach unedirten staatschriften aus dem geheimen Archive des Vaticans*, Leipzig-Paris, 1853, p. 9.

¹¹⁵ Cf. José de Seabra da Sylva, *Dedução Chronologica, e Analytica na qual se manifestão pela sucessiva serie de cada hum dos Reynados da Monarquia Portuguesa, que decorrêrão desde o Governo do Senhor Rey D. João III até o presente, os horrorosos estragos, que a Companhia denominada de Jesus fez em Portugal, e todos os seus domínios por hum plano, e systema por ella inalteravelmente seguido desde que entrou neste Reyno, até que foi delle proscripta, e expulsa pela justa, sabia, e providente Ley de 3 de Setembro de 1759, 5 Vols.*, Em Lisboa, Na Officina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Ofício, por ordem, e com privilegio real, 1768. Embora José Seabra da Silva apareça como o autor desta obra, hoje sabe-se, com base em pesquisa histórica abalizada, que o grande inspirador destes volumes, tendo mesmo chegado a intervir na revisão com a sua pena, foi Sebastião José de Carvalho e Melo. Cf. LOPES, António, *Veira, o encoberto*, Cascais, Principia, 1999, pp. 23 e ss.

efeito promove uma vastíssima campanha europeia de tradução das obras, leis, libelos, cartas pastorais, pareceres escritos em Portugal contra os Jesuítas¹¹⁶. Por exemplo, no "Prólogo del Traductor" da edição espanhola da *Deducion Chronologica y analitica*, diz-se que esta obra é dada à luz para dar a conhecer os efeitos nefastos da obra sistemática de fanatismo promovida pela Companhia de Jesus em Portugal, a fim de servir de exemplo à Espanha para se precaver contra "este sistema de perversão". E elege como modelos mais acabados destes impostores jesuítas, quais heróis da desgraça portuguesa, Simão Rodrigues, António Vieira e Gabriel Malagrida¹¹⁷.

Isto é realizado paralelamente aos esforços diplomáticos para unir a diplomacia dos diferentes Estados absolutistas no mesmo escopo de fazer pressão junto da Santa Sé para obter a extinção da ordem, como se esta fosse uma prioridade fundamental para estabelecer a paz no seio da própria Igreja e na Europa cristã¹¹⁸.

Este empreendimento de tradução nas principais línguas das obras que figuravam os Jesuítas como uma autêntica e terrível peste, como uma doença contagiosa, como uma máquina de desavença, de intriga e de destruição dos poderes legítimos e da ordem social estabelecida, contribui para a criação de uma mentalidade antijesuítica e instiga os intelectuais iluministas e regalistas espanhóis, franceses, italianos, alemães, entre outros, a defender a necessidade de seguir o "bom" exemplo português no combate à poderosa Companhia de Jesus.

O ministro de D. José I fê-lo em nome da necessidade de Portugal passar a andar ao ritmo da Europa iluminada, responsabilizando a Companhia de Jesus por toda a decadência e pelo conseqüente atraso que Portugal sofria, atraso que o colocava abaixo do nível do progresso e do prestígio cultural dos países cultos da Europa. Todavia, no processo de mitificação dos Jesuítas e da promoção da sua exterminação, Portugal foi o pioneiro. A Europa seguiu-lhe o exemplo. A Companhia de Jesus foi oficialmente extinta pelo *Breve Dominus ac Redemptor*¹¹⁹. E Pombal obteve uma das vitórias mais paradoxalmente ambíguas e amargas da História de Portugal.

¹¹⁶ As principais bibliotecas europeias estão cheias destas traduções, feitas principalmente em espanhol francês, italiano, alemão, latim, inglês e até em chinês.

¹¹⁷ Joseph de Seabra da Sylva, *Deducion Chronologica y Analitica (...)*, Traducida del idioma portugues por el Doctor D. Joseph Maymó y Ribas, Abogado del colegio de esta corte, Madrid, Por Joachim Ibarra, 1768.

¹¹⁸ Cf. Enrique Jiménez Lopez, *Portugal y España ante la extinción de los Jesuitas*, Alicante, Texto mimiografado, 1999, pp. 2 e ss.

¹¹⁹ Cf. Augustin Theiner, *Geschichte des Pontificats Clemens' XIV. nach unedirten staatschriften aus dem geheimen Archive des Vaticans*, 2 Vols., Leipzig-Paris, 1853; SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos, "O «Abbé Platel», mercenário de Pombal", in *Anais (APH)*, II Série, 22, 1973, pp. 280-305.

O mito negativo dos Jesuítas em Portugal engendra-se no quadro de um processo de conflito político-ideológico que mistura razões complexas de natureza pessoal, económica, política, ideológica e cultural, ligadas a esta grande figura que marcou a história portuguesa. O mito foi estabelecido e consolidado nos seus tópicos caracterizadores por uma literatura especificamente produzida para o efeito, isto é, para recortar uma imagem assente na avaliação do papel e da índole da Companhia de Jesus em Portugal. Esta imagem ganha contornos que lhe dão a dignidade de mito, mito que se inscreve na classe dos chamados mitos de complot.

Esta literatura antijesuítica, para a qual as Monita é uma das obras modelares, criou uma mentalidade e lançou as bases inspiradoras de uma cultura antijesuítica que se estende pelos dois séculos seguintes com efeitos combativos e de militância muito significativa. Foi instrumentalizada para servir de arma de arremesso em termos político-ideológicos à luz de uma teoria decadentista da deriva da história. Os Jesuítas passaram a ser o recurso explicativo para justificar os males da nação, as anquiloses das sociedades e até os desaires da vida privada. O jesuitismo é definido como uma filosofia de vida, como um estado de espírito, como uma entidade supra-nacional ou ultramontana que condiciona a vida dos cidadãos e os encerra no atavismo.

Esta cultura antijesuítica consigna-se sempre na produção de literatura e arte (pinturas, gravuras, caricaturas) ou até de gastronomia antijesuítica. A retórica antijesuítica está carregada de simbolismo e pretende sempre dar uma explicação para a realidade, bem como descortinar os seus móveis ocultos. Como explica Michel Leroy, "o mito é um discurso que manifesta a sua transparência; pretende desvendar uma realidade escondida e a função referencial parece dada como essencial, mas não se trata senão de uma mistificação, de uma astúcia de linguagem. O mito procura menos representar a realidade do que transformá-la. O critério de validade de um mito não é a verdade, a coincidência entre a afirmação e a realidade (...). O mito define-se pelo seu valor instrumental, pela sua capacidade de mobilizar partidários, de diabolizar o adversário, de oferecer uma explicação aparentemente coerente e verosímil dos acontecimentos passados, presentes e futuros"¹²⁰. Por seu lado, na linha do que teorizou Malinowski, o essencial do mito é que ele constitua uma realidade vivida. De facto, o mito só existe, em certa medida, enquanto é vivido e acreditado colectivamente. Quando o não é ele transforma-se em mera fábula, fantasia, ilusão, isto é, em lenda¹²¹.

¹²⁰ Michel Leroy, *op. cit.*, p. 357.

¹²¹ Cf. Manuel García-Pelayo, *Los mitos políticos*, Madrid, Alianza editorial, S.A., 1981, p. 23.

A literatura antijesuítica produzida desde Pombal até à I República dicotomiza a realidade, cindindo-a entre trevas e luz, entre progresso e decadência, entre liberdade e escravidão. E neste processo de segregação de contrários, duas entidades são erguidas e definidas pelo mito. Um Nós e um Outro. O Nós é aquele que planifica e persegue incansavelmente a realização de uma utopia luminosa, positiva, a utopia do progresso, da felicidade do povo, da harmonia social, da regeneração dos corpos sociais pela educação moderna e esclarecida do indivíduo. Este Nós é entendido por vezes como sendo o Estado e os seus agentes, outras vezes é um grupo político-ideológico, mas o Nós concentra sempre o ideal de exaltação e progresso nacional e de elevação da pátria a um pódio mais alto de glória e de reconhecimento internacional, pois a bitola de comparação são sempre as nações mais progressivas da Europa.

O Outro são os Jesuítas e a sua filosofia de vida, o seu pensamento político, a sua acção social e educativa e a sua influência religiosa que resulta sobretudo de um estado de espírito que é geralmente designado de jesuitismo. Este é fator de uma utopia negativa, melhor diríamos, de uma heteropia. A figuração do Outro é terrível, além de uma máquina nefasta de destruição que aspira arruinar todos os poderes e ordens instituídas para assentar sobre essas ruínas o universal domínio do seu poder opressor e obscurantista, é alheia a qualquer fidelidade nacional ou institucional que não a sua. Um poder verdadeiramente diabólico que urge combater por todos os meios, apesar de resistir a consciência de que ele é como a erva daninha, acabando por renascer sempre, ainda que dos escombros da sua morte. O remédio é, todavia, sempre a sua extirpação do corpo social, como uma doença maligna que é preciso isolar e exterminar, pois a eficácia é o objectivo fundamental de um mito de complot como é o mito jesuíta.

Esta figuração mítica dos Jesuítas tem dois grandes fins intrínsecos que lhe dão sentido e eficácia: a explicação e a acção. Explicar a decadência do país e promover a higienização do mal que lhe está na origem, na linha da caracterização do mito jesuítico feita por Michel Leroy: "O valor instrumental depende estritamente do valor explicativo: o mito provoca tanto mais facilmente a adesão, quanto parece oferecer a chave - uma chave única - para os movimentos da história e para os mecanismos da sociedade. A explicação gera acção. Com efeito, revelar quais são as fontes do mal é sugerir o remédio"¹²².

Assim sendo, a literatura jesuítica e o mito que ela encerra através do processo

¹²² Michel Leroy, *op. cit.*

de figuração diabólica do Outro, o nefastamente outro jesuítico, não será uma forma de ilibação das responsabilidades de cada membro da comunidade da nação pelo seu estado de atraso, de ignorância e de decadência? Não será o mito jesuítico o reverso do mito sebástico português? Enquanto no mito do sebastianismo projectamos numa pessoa, numa entidade mítica, a possibilidade de realização das melhores aspirações colectivas, no mito jesuítico projectamos as nossas desilusões e desenganos. A esta entidade negativa é dado um carácter expiacional onde os insucessos e males da nação são projectados e expiados. Assim, enquanto que o mito do sebastianismo é o fruto de uma utopização colectiva, em resultado da desilusão frente ao estado da nação, o mito jesuíta decorre da constituição da Companhia de Jesus como locus de cartase desse mesmo estado nacional decaído.

Apesar de antinómicos, os dois mitos têm em comum o facto de aparecem como o resultado de um diagnóstico negativo feito à realidade da nação portuguesa. Os dois foram elaborados por um processo de consignação escrita. O mito sebástico visa incutir a esperança, mas delega as responsabilidades do progresso nacional num ente que há-de surgir. O mito jesuíta pretende incutir o repúdio, o vitupério e a necessidade de extirpação dos males nacionais, concentrados também estes numa mesma entidade mítica, mas esta de índole maléfica, que urge extirpar. Apesar da força dos dois mitos, o mito jesuíta preocupou e empenhou mais os políticos do país e o investimento do Estado na solução que ele implicava.

Findo o primeiro regime republicano português e serenadas as campanhas anticlericais o mito dos Jesuítas recriado com todo o seu poder desfigurador perdeu a sua força mobilizadora e combativa, adormecendo. Todavia, as suas sequelas ideológicas continuam presentes na cultura e na mentalidade portuguesas. A vasta bibliografia e iconografia antijesuítica marcou um tempo longo da nossa história e determinou uma forma de olhar o passado de Portugal e de valorar os seus protagonistas individuais e colectivos. Estudar e compreender o antijesuitismo e a sua doutrina é uma forma de contribuir para o desanuviamento ideológico da história e trabalhar para a despreconceitualização da cultura.

Referências

- ARBIDE, Ignacio, s.j., **Los manantiales de la difamación antijesuítica**, 2 séries, Barcelona, 1933-1934.
- AZEVEDO, Luís Gonzaga de, s.j., **O Jesuíta: Fases de uma lenda**, 2 Tomos, Bruxelas, 1913.
- BARTHEL, Manfred, **The Jesuits: History & legend of the Society of Jesus**, New York, 1984.
- BORGIANELLI, Enrico, **Discorso nell'antica, e moderna gesuitofobia...**, Napoli, 1850.
- BROU, Alexandre, s.j., **Les Jésuites de la légende: des origines jusqu'a pascal**, 2 Partes, Paris, 1906-1907.
- CUBITT, Geoffrey, **The jesuit myth. Conspiracy theory and politics in nineteenth-century France**, Oxford, 1993.
- FOUILLERON, Jöel, "Les Jésuites chassés de la cité. Violences pour un retour : Mauriac, 6-7 septembre 1762 », in **Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine**, Janviers-Mars, 2001, pp. 51-70.
- FRANCO, José Eduardo, "A visão do Outro na literatura antijesuítica em Portugal: de Pombal à Primeira República, in **Lusitania Sacra**, Tomo XII, 2000. pp. 121-142.
- FRANCO, José Eduardo, "Fundação pombalina do mito da Companhia de Jesus", in **Revista de História das Ideias**, Vol. 22, 2001, pp. 209-253.
- FRANCO, José Eduardo; Reis, Bruno Cardoso, **Vieira na literatura anti-jesuítica (Séculos XVIII-XX)**, Lisboa, 1997.
- GATZHAMMER, Stefan, "Antijesuitismo europeu: relações político-diplomáticas e culturais entre a Baviera e Portugal (1750-1780)", in **Lusitania Sacra**, V, 1993, pp. 159-250.
- LECRIVAIN, Filipe, s.j., «Les jésuites entre la fable et le mythe», in **Voyage au cœur du mystérieux**, Paris, 1996, pp. 115-117.
- LEROY, Michel, "Mythe religion et politique: La 'Légende noire' des Jésuites", in **Lusitania sacra**, Tomo XII, 2000, pp. 267-376.
- PAVONE, Sabina, **Le astuzie dei gesuiti: Le false Istruzione segrete della Compagnia di Gesù e la polemica antijesuítica nei secoli 17 e 18**, Apresentação de Adriano Prosperi, Roma, Salerno, [2000].
- SOMMERVOGEL, Carlos, s.j., **Le véritable auteur des 'Monita Secreta'**, Bruxelles, 1890.

Artigo recebido em : 03/2003

Data deAprovação: 08/2003